

DEMOCRACIA

POEMAS CONTOS MICROCONTOS

SÉRIE LITERATURA DE CIRCUNSTÂNCIAS
VOL. 1

ORGANIZADOR
ALDENOR PIMENTEL



Série
Literatura de Circunstâncias
vol. 1

Democracia:
poemas, contos, microcontos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR

REITOR

José Geraldo Ticianeli

VICE-REITOR

Silvestre Lopes da Nóbrega

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR

Carlos Vicente Joaquim

CONSELHO EDITORIAL

TITULARES

Ariosmar Mendes Barbosa
Georgia Patrícia da Silva Ferko
Rosinildo Galdino da Silva
Guido Nunes Lopes
Rafael Assumpção Rocha
Raquel Voges Caldart
Simone Rodrigues Silva
Ana Paula da Rosa Deon
Priscila Elise Alves Vasconcelos
Altiva Barbosa da Silva
Madiana Valéria de Almeida Rodrigues
Ricardo Carvalho dos Santos
Paulo Jeferson Pilar Araujo

SUPLENTES

Francinildo Gales dos Santos
Victor Hugo Lima Alves
Gilmara Maria Duarte Pereira
José Teodoro de Paiva
Monalisa Pavonne Oliveira
Ramão Luciano Nogueira Hayd
Edileusa do Socorro Valente Belo
Edilane Nunes Régis Bezerra
Rafael Reis Ferreira
Fábio Luiz Wankler
Lilian Leite Chaves
Maria Bárbara de Magalhães Bethonico
Roni Petterson de Miranda Pacheco



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto – CEP: 69.310-000. Boa Vista – RR – Brasil
E-mail: editora@ufrr.br

A Editora da UFRR é filiada à:



Série
Literatura de Circunstâncias
vol. 1

Democracia:
poemas, contos, microcontos

Aldenor Pimentel
Organizador



Boa Vista - RR

2023

Copyright © 2023
Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) e é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Aldenor Pimentel	Projeto Gráfico e Diagramação Julie Pedrosa
Assistente editorial Julie Pedrosa	Capa e Contracapa Julie Pedrosa
Revisão de texto Aldenor Pimentel	Imagens Freepick
Apoio Administrativo Assenclew Souza da Silveira Júnior	

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

D383 Democracia: poemas, contos, microcontos / Aldenor Pimentel, organizador. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2023.
141 p. – (Série: Literatura de circunstância ; v. 1).

Vários autores.
ISBN: 978-65-5955-055-5

1 – Literatura brasileira. 2 – Poesia brasileira. 3 – Contos brasileiros. 4 – Produção literária. 5 – Título. II – Pimentel, Aldenor. III – Universidade Federal de Roraima.

CDU – 869.0(81)-1

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:
Shirdoill Batalha de Souza - CRB-11/573

COMISSÃO JULGADORA

MICROCONTO E POEMA AVULSO

Gracinara Teixeira

Josias Marinho

Sony Ferseck

CONTO AVULSO

Allison Leão

Vanessa Brandão

Tatiana Capaverde

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
CONTO AVULSO.....	10
ESSA JOVEM DEMOCRACIA.....	11
Schleiden Nunes-Pimenta	
HISTÓRIA FORA DA CAIXA.....	15
Thiago Costa Franco	
PALÁCIO DO BURITI.....	19
Victor M	
RUMINÂNCIAS DE UM CAIPIRA.....	21
Jamil Xaud Junior	
CHÃO SECO.....	25
Eugênio Borges	
OLÍMPICA.....	31
Nilzinha Menezes dos Santos	
O IMPROVÁVEL AMOR ENTRE O FILHO DO PALHAÇO E A FILHA DO COVEIRO.....	33
Rejane Benvenuto	
UM CIDADÃO NO PAÍS DAS MARAVILHAS.....	35
Arlindo Kamimura	
TEORIA POLÍTICA AO SOM DE CHICO BUARQUE.....	39
Eduardo Selga	
ÀS MARGENS DO DIREITO.....	45
Raquel Oliveira de Castro	
ETERNIDADE.....	49
Chico Nonato	
FEIJÃO.....	53
Chico Nonato	
“QUERIDA TIA...”.....	56
Celso Lopes	
BIBLIOTECA.....	62
Brunno Vianna de Andrade	

POEMA AVULSO	64
DEMOCRACIA COM ALDRAVIA	65
Nilson José de Castro Filho	
O SONHO (DO) FAMINTO	66
Keli Vasconcelos	
COVAS E TRINCHEIRAS	70
Bertin Di Carmelita	
SOBREVIVÊNCIA OU MORTE?	72
Ronaldo Dória Júnior	
AVISO PRÉVIO	74
Natália Medeiros de Santana	
TEMPOS INCERTOS	76
Bertin Di Carmelita	
DEVANEIOS DEMOCRÁTICOS	79
David Ehrlich	
DEMO... O FILHO DO DEMO NÃO QUER DEMOCRACIA	83
Reinaldo Fernandes	
GRITO DE DEMOCRACIA	86
Robinson Silva	
AR, AR	88
Marcio Mazzini	
ULO	89
Eugênio Borges	
ENTREGADOR	90
Hibisco Vermelho	
SOMBRA DOS GENERAIS	92
Robinson Silva	
OUTRA GUERRA	94
Ivete Nenflidio	
O MITO	96
Ronaldo Dória Júnior	
NUNCA MAIS	97
Robinson Silva	
AFINAL, O QUE É DEMOCRACIA?	99
Soraya Feitosa	

MICROCONTO.....	102
DO CHIFRE AO RABO.....	103
Schleiden Nunes-Pimenta	
OLHO POR OLHO.....	104
Cecilia Botana	
GOLPE(ADO).....	105
Carlos Brunno Silva Barbosa	
SEM TÍTULO.....	106
Mario Rubens Almeida de Mello (Maruam)	
MÃE, VOU PRA RUA.....	107
Robert Portoquá	
COISA DO CAPETA.....	108
Giovani Roehrs Gelati	
MEDALHAS.....	109
Mayanna Velame	
CANIBALISMO ESTRUTURAL.....	110
Raquel Oliveira de Castro	
SINFONIA.....	111
Marcos Antonio Campos	
EMOÇÃO.....	112
Diogo Tadeu Silveira	
VOOS.....	113
Cecilia Botana	
UM POEMA DE DOR.....	114
Marcos Antonio Campos	
VOTEM EM MIM.....	115
Francisco Gabriel	
DEMOCRACIA.....	116
Reinaldo Fernandes	
EXTREMISMO.....	117
Juliana Berlim	

APRESENTAÇÃO

Democracia foi, talvez, a palavra mais presente tanto na boca quanto em corações e mentes dos brasileiros em 2022. E, após ser tão dita, sentida e pensada, foi, ao fim, exercida. Para que, no ano seguinte, pudesse continuar a ser. E assim por diante. Exercida e aperfeiçoada, a cada dia.

Como forma de reconhecer a relevância do debate e da arte da palavra na construção desse debate, o Concurso Literatura de Circunstâncias, realizado pela Editora da Universidade Federal de Roraima (UFRR), em sua terceira edição, pela primeira vez, teve como tema: Democracia: desafios e perspectivas.

Promovido desde 2020, o concurso tem como propósito incentivar a produção literária nacional e internacional, com ênfase na produção local, por meio da publicação e divulgação de textos literários. Os gêneros são os mesmos da edição anterior: contos, microcontos e poemas.

Agradecemos a todas e todos que contribuíram para que esta ação fosse possível, em especial à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão da UFRR (PRAE), que selecionou o projeto de extensão Literatura de Circunstâncias, por meio de edital do Programa de Apoio a Ações de Extensão (PAE), bem como à colaboração daquelas e daqueles que aceitaram compor a Comissão Julgadora: Gracinara Teixeira, Josias Marinho, Sony Ferseck, Allison Leão, Vanessa Brandão e Tatiana Capaverde.

Que, com muita prosa, a nossa poesia nos ajude a construir hoje e sempre os textos e contextos do estado democrático de direito.

O organizador

Dias após após a invasão ao “Capitólio brasileiro”

CONTO AVULSO

Essa jovem democracia

História fora da caixa

Palácio do Buriti

Ruminâncias de um caipira

Chão seco

Olimpica

*O improvável amor entre o filho do palhaço e a
filha do coveiro*

Um cidadão no país das maravilhas

Teoria Política ao Som de Chico Buarque

Às margens do direito

Eternidade

Feijão

“Querida tia...”

Biblioteca

ESSA JOVEM DEMOCRACIA

Schleiden Nunes-Pimenta

“A ignorância é a mãe de todos os males.”

François Rabelais

“Uns defendem a vida; outros defendem a morte.” Fora de contexto, tal frase pode parecer um grande absurdo, ainda mais porque foi uma resposta dada a um comentário aparentemente justo. Marco Feres acabara de dizer: “Isso não é uma democracia? Cada um defende o que quiser defender.”

Cláudia e Lorena, que acompanhavam a cena, pausaram a própria respiração, espantadas. Não esperavam o enfrentamento, tal retruco de Miguel, até porque os dois eram compadres e desde sempre as duas famílias prezavam pelo melhor tratamento possível, mesmo diante de todas as disparidades. Miguel não era de responder a provocações e sabia que Marco Feres era mesmo de lua – de um temperamento bastante irregular.

Ambos viviam um dilema mais do que político. Eram amigos há vinte anos. Reuniam-se todas as semanas, geralmente para tomar uma cervejinha e conversar sobre qualquer assunto sempre inacabado, e era assim.

Marco Feres tratava-se de uma pessoa nervosa, trabalhadora, um sessentão educado “à moda antiga”. Tinha um bom coração, amava a família, e, por acreditarem nisso, é que na casa da Cláudia todos relevavam

Joãozinho, farmacêutico – mas músico de nascença –, marido de Cláudia, pai da Lorena, fora interrogado pelo DOPs por causa de um poema de amor que ele compusera, na juventude ainda, lá pelas bandas de Juiz de Fora. Com sua paciência habitual, inquebrantável, tentava pela enésima vez explicar a Marco Feres aquela fase conturbada da História – mas este ouvia sem absorver, batia os pés de ansiedade e arrastava o assunto. Sempre recaía em outros temas como “Qual o problema em chamar uma pessoa preta de preta?”, ou “Serviço de casa é coisa de mulher”, até que se cansava e convidava a Fá (sua esposa) para ir embora.

Todos estavam acostumados. Era praxe. Joãozinho nunca deixava de tentar, apesar de não ter esperanças. As cervejas iam embora, mas os assuntos sempre ficavam por acabar. Seu único sucesso foi conseguir, sabe-se lá como, que Marco Feres ouvisse – e se rendesse – ao som do Pink Floyd, que à época odiava sem nunca ter escutado. Não obstante era “som de drogado”.

Eles compreendiam as limitações do amigo. Fora seus encontros mensais, ele só convivia com outros – funcionários, familiares – de pensamentos exatamente iguais. E, então, quando a pandemia finalmente veio, quando ele perdeu aqueles únicos amigos que o impeliam à reflexão, quando o que lhe sobrou foi apenas a sua bolha whatsupiana de *fake news*, tudo mudou.

Marco Feres era centro-direita, coxinha; agora, é radical armamentista. Antes, era ansioso; agora, tem raiva de todos. Nem de Pink Floyd e de Cuba ele ainda deve gostar.

Já no limiar das maiores medidas de contenção, a família de Cláudia foi convidada para o casamento de uma das filhas de Marco Feres, momento que foi estranhíssimo e indigesto, apesar da gigantesca mesa de queijos e vinhos. Cumprimentos breves, sorrisos frios, ânimos e esperanças mantidas, até que ele, em dado momento da festa, abraçou Miguel e Joãozinho e comentou: “Que música ruim, não? Rap, funk, que merda é essa? Nessa hora é que eu queria ter uma arma aqui embaixo pra...”. Se completo a frase dele, a vergonha me faria parar de escrever.

E parecia tudo bem – afinal, que Marco Feres vivesse por cem anos com seus pensamentos rígidos, com seus assuntos inacabados, e que fosse só a Fá levá-lo para casa após a quinta latinha de cerveja. Se fosse só isso, tudo estava no jeito. No fundo, amava os filhos. Era um homem de bom coração.

Não estava nos planos é que ele ajudasse a eleger alguém, e, pior que isso, até o fim defender um líder que atrasou a vacinação de toda uma população, incluindo crianças e idosos, em vista de uma doença horrivelmente fatal; que continuou a ignorar a gravidade da situação e sua responsabilidade mesmo ante milhares de mortos em todas as regiões do país.

Por tais razões é que, naquele dia, em que eles encontraram Marco Feres a caminho de uma carreta pró-democracia, não havia mais assunto algum para ser finalizado. Não havia mais frase tola alguma para se relevar.

“Isso não é uma democracia?”, ironizou Marco Feres. Por dentro, Miguel remoía-se.

À época, o número de mortos era de exatos 462.001. Aquele voto, aquele 1 no final da contagem diária do noticiário era o de Marco Feres. Aquele 1 era a vida do irmão de Miguel, que, aos 45 anos e com um filho para criar, faleceu de Covid. Não fosse o atraso... Faltava menos de uma semana para ele se vacinar.

Mas, de todo, Miguel sentia era remorso. Não deveria ter permitido, jamais, mesmo que fosse a bem da paz da vizinhança, assuntos inacabados. Não imaginou que a ignorância tão carismática e caricata do seu compadre influenciasse toda uma geração.

Na única coisa que Marco Feres tinha razão, tinha-a só em partes. Na democracia, defende-se o que quiser, sim – mas não quem ri e faz chacota da morte. Isso, não. Caso contrário, o “demo” de democracia não tem nada a ver com “povo”, mas, sim, com o prefixo que inicia um outro tipo de palavrão.

Mas, de todo, Miguel sentia era remorso. Não deveria ter permitido, jamais, mesmo que fosse a bem da paz da vizinhança, assuntos inacabados. Não imaginou que a ignorância tão carismática e caricata do seu compadre influenciasse toda uma geração.

Na única coisa que Marco Feres tinha razão, tinha-a só em partes. Na democracia, defende-se o que quiser, sim – mas não quem ri e faz chacota da morte. Isso, não. Caso contrário, o “demo” de democracia não tem nada a ver com “povo”, mas, sim, com o prefixo que inicia um outro tipo de palavrão.

HISTÓRIA FORA DA CAIXA

Thiago Costa Franco

A história deste conto é verídica e aconteceu num futuro bem próximo. Foi mais ou menos assim: em um dos cruzamentos mais valiosos da cidade de São Paulo, numa tarde um pouco menos cinza e barulhenta do que o usual, vinha eu caminhando pensativo por uma daquelas calçadas que, depois das cinco da tarde, tornam-se mais populosas do que muitos países europeus. Ao distrair-me com uma nova mensagem que chegava a meu dispositivo móvel, não pude perceber uma bicicleta vermelha que avançava a toda velocidade em minha direção, desgovernada como o próprio país, ou o estado, a cidade, enfim, extremamente desgovernada, cambaleante por cima da larga calçada, afugentando os trabalhadores que voltavam da via-sacra diária, em direção à TV e ao sofá de casa. Para minha sorte, os gritos dos transeuntes me despertaram do mundo paralelo no qual me encontrava e, num ato-reflexo incrível, típico dos super-heróis que inundam as salas de cinema com clichês e efeitos especiais, esquivei-me do choque certo da bicicleta vermelha.

Se a sorte naquele dia estava do meu lado, uma outra bicicleta, a azul, não gozou do mesmo privilégio, pois acabou sendo o alvo final da descontrolada bicicleta vermelha, num choque que resultou num grande olho roxo pra cada lado. A bicicleta vermelha, que carregava uma enorme caixa igualmente vermelha nas costas, foi a primeira a se levantar, com a bochecha enrubescida pelo estrago que acabara de ocasionar. A bicicleta azul, por sua vez, levantou-se azul de raiva, esforçando-se para equilibrar-se, pois também possuía uma imensa caixa azul nas costas. Aí a discussão começou:

- Vsf, fdp!
- Vsf vc, crl!
- Vtnc!
- Ptqprl!
- Quémorrê?
- Vencamatá!
- Vôdá facada...
- Kd afaca?
- Mlk!
- Arregô? Vaiarregá?
- Celiga, tio...

A troca de xingamentos entre as duas bicicletas foi se intensificando, a tal ponto que pareceu impossível aos espectadores permanecerem neutros diante daquela cena pitoresca. A aglomeração foi se formando em torno da discussão, de modo que quem olhasse do alto do agressivo edifício comercial que cercava aquela região pensaria se tratar de uma arena de gladiadores improvisada no meio da calçada. Aos gritos de “azul” e “vermelho”, a população rapidamente se dividiu numa polarização estranha, inverossímil até para narrativas inventadas ao som de passarinhos numa madrugada fria da maior metrópole do Brasil. Mas assim ocorreu, de fato, diante de meus olhos, a cena descrita acima. Hesitante, decidi não tomar partido naquele momento e reservei para mim o lugar de mero observador, cada vez mais aflito pelo rumo que a situação ia tomando. Visando me pro

teger do tumulto, acomodei-me em cima de um muro branco providencial, que me fornecia uma visão privilegiada das duas bicicletas. Foi aí, então, que a briga começou.

A bicicleta azul investiu contra a adversária com as duas rodas, jogando-a a dois metros de distância. A bicicleta vermelha, que caiu de selim no chão, soltou o freio da frente e partiu pra cima da inimiga, atracando com catraca e tudo, pra dar o troco. Tabefe, patada, pontapé, bicuda, sopapo, cola-brinco, cascudo, croque, bofete, catiripapo, bolacha e pisa. Chave de fenda, chave de boca, chave inglesa, chave allen, chave de braço. Cabo de aço, cabo de guerra, de cabo a rabo, que uma quase deu cabo da outra, que sem pé nem cabeça, com a marcha lenta, o pneu careca, o aro Aero e na corrente a falta de um óleo lubrificante, já armava o pezinho pra descansar.

O povo em volta parecia se divertir com a competição entre os dois veículos, pois os gritos se intensificaram, entre vaias, urros, xingamentos e risadas. A partir de um certo momento, contudo, a briga adquiriu ares mais agressivos, e o que se passou me deixou boquiaberto: utilizando seus dispositivos móveis, os espectadores passaram a interferir diretamente no combate, já que através de aplicativos de delivery era possível trazer à arena os mais inusitados elementos. Do alto do muro branco, eu assistia àquela cena, incrédulo, cada vez entendendo menos o que se passava ao meu redor. Foi assim que, de dentro das caixas vermelhas e azuis, começaram a sair comidas, objetos, ideias, fatos, opiniões, verdades e mentiras, a uma velocidade incrível. As duas bicicletas passaram, então, a competir violentamente pelas pequenas recompensas que surgiam a cada abertura e fechamento de suas caixas.

Por ser uma história verídica, é de se estranhar que os fatos se dessem da maneira e ordem que lhes conto, mas juro que não há o que tirar

nem pôr nesse causo inventado. Ocorreu exatamente assim, numa tarde (desculpem-me parecer repetitivo) um pouco menos rotineira e triste do que de costume na cidade. De cima do muro branco, surpreendi-me ainda mais quando notei um fato bastante curioso: as pessoas que assistiam à luta haviam se tornado, como num passe de mágica, seus próprios dispositivos móveis.

mais quando notei um fato bastante curioso: as pessoas que assistiam à luta haviam se tornado, como num passe de mágica, seus próprios dispositivos móveis. E, como não paravam de acionar os aplicativos de delivery, não tardou muito para que as bicicletas começassem a ficar completamente exaustas de tanto abrir e fechar suas caixas. Em algumas horas, jaziam as duas bicicletas, a vermelha e a azul, estiradas no chão, enferrujadas e envelhecidas, incapazes de utilizarem suas caixas novamente para obterem as recompensas mínimas para seus próprios consertos e reparos. Esgotado o entretenimento, em pouco menos de vinte minutos as calçadas e ciclovias estavam vazias.

Até hoje me recordo da imagem melancólica daquelas bicicletas aposentadas jogadas na rua, sem lar e sem dono, carregando caixas vazias nas costas. Quando decidi descer do muro, já era tarde demais, pois a noite já avançava sua escuridão sobre a cidade. Em alguns minutos o caminhão de lixo passaria para recolher aquele monte de ferragens contorcidas.

No dia seguinte, ao cair da tarde, vinha eu caminhando filosófico e contestador por entre a multidão na calçada, quando avistei o choque fenomenal entre duas motocicletas-caixa. A motocicleta laranja deu uma correia dentada na motocicleta verde, que tentava, sem sucesso, o escapamento. Capacidade, capacete, cacete. A caixa laranja e a caixa verde, abrindo e fechando. Motor, ciclo, seta...

PALÁCIO DO BURITI

Victor M

O Brasil não tem rei, mas têm palácios – o Piratini, o dos Bandeirantes, o da Sé, o do Planalto e tantos outros. São mais de 200 em todo o território nacional, sem contar a onda de condomínios que, ricos ou pobres, fazem esforço para ostentar status e nomes palacianos.

Na capital do País também é assim: a cidade é adornada por prédios de traços artísticos recheados de gente de todas as grandezas. Um dos mais interessantes é o palácio do Buriti. Não aquele prédio do governo. Refiro-me a uma obra desconhecida, de um senhor apelidado Buriti e do barracão levantado por ele em Taguatinga, na periferia do Distrito Federal.

Falar de Buriti é importante para não esquecermos que a beleza de Brasília não se resume aos prédios e ruas bem desenhadas: o que é bonito na capital do País é o povo. E o palácio do senhor Buriti tinha muito de beleza, mas não na arquitetura. Era a gente que ia àquele barraco que deixava tudo lindo e, por merecimento e graciosidade, a casa de Buriti era carinhosamente chamada de Palácio.

No Brasil, realmente não há rei, mas no palácio do Buriti cavaquinho era majestade e percussão tinha título de nobreza. E os majestosos sambistas de outrora e de hoje eram evocados quase todas as noites. No natal cantavam Noel, nas sextas iam de Cartola e o samba, que tinha pais e mães cariocas e baianos, nascia às margens dos poderes da República e se fazia candango.

ses, a junção dos povos brasileiros, obra de engenharia magnífica que faz do Planalto Central o mais brasileiro dos lugares. Os traços que Brasília seguiu a tornaram, hoje, cidade com um dos maiores Índice de Desenvolvimento Humano do País. Humanidade tão desenvolvida que há alguns anos expulsou Buriti do Palácio a murros e pontapés e derrubou o barraco sobre justificativas de que, ali, as terras eram públicas.

O conceito de terras públicas fez confusão na cabeça de Buriti, que tentava se defender com um dicionário em mãos e honestidade na língua. Ele bradava aos tratores, peões e ferramentas que baixavam suas tábuas: “tudo que é público pertence ao povo, está escrito aqui. É um bem comum do povo, não pode derrubar. Isso não é privado, é coisa do povo”. Ninguém escutou porque ninguém nunca ouve os vulneráveis que se defendem com poesia e dignidade.

Buriti não toca mais samba, perdeu o cavaquinho e a alegria no despejo. Havia feito o palácio porque achava estar construindo em terras da União: Brasília, terra da união dos povos brasileiros. Mal sabia que União era o Estado. Agora, sabe pelo menos que Índice de Desenvolvimento Humano fica no Plano Piloto e que, na periferia, tem índice de violência humana.

RUMINÂNCIAS DE UM CAIPIRA

Jamil Xaud Junior

Eu não sei porque que vaca fica nesse mastigamento só... Num “faz que vai, mas num vai”, “engulha e volta” que dá até nojo. Imagine, um bichão desses fazendo uma coisa dessas? Deus é mais! Mas também do jeito que o pasto tá seco tem mais é que ficar assim, enganando o estômago, né? Eu acho que Deus bem que podia de fazer a gente assim também, igual como vaca. Que é pra mode nós poder enganar a fome, que por aqui tá braba! Botava uma colherada de farinha na boca e pronto: passava o dia feito vaca, numa enganação só. Com um cadinho de nada já dava pra levar o dia. Não precisava mais nem de calejar as mãos na enxada, na intenção de plantar o que puder, pra colher o que vingar – que debaixo desse solão dos infernos, que racha até o chão, só quando Deus permite. Mas parece que Ele quer mesmo é castigar nós, invertendo tudo. Ou, então, por que um bichão desses come só capim, que é coisa que num carece nem de plantar, que dá pra tudo que é lado, e nós homem, que somos bem mais pequenos, temos que nos virar pra achar o de comer e ainda comer feito um boi?!

Engraçado... Não sei por que a gente diz “comer como um boi”. Tinha que ser “comer como um homem”. Que homem é bicho que come muito. E come de tudo! Mistura de tudo e nunca se conforma com uma coisa só. Nunca tá satisfeito. Eita, bichinho danado da peste, é homem! Quer ver?! Olha só: já viu onça comer outra coisa que não carne? Comer folha? Tá vendo só?! Então! E passarinho só vive de comer fruta, tamanduá só come formiga e cupim, que é tudo igual e mora debaixo da terra. Vaca, só

é mesmo? Agora, homem é que come coisa que até Deus duvida! E não se conforma com qualquer coisa, não. É coisa de comer do céu, das águas e da terra. E debaixo dela também, sem precisão alguma! (Se bem que um tatuzinho moqueado é coisa muito da sua boa, lá isso é). Eu acho que é por isso que Deus castiga nós e manda de parar de chover, as nuvem tudo desaparecer e esse céuzão ficar assim ó, nesse azulamento só, que dá até ardência nos olhos da gente, e faz a gente começar a ver coisa... Vê o que não existe. É o delírio da seca. Da fome.

Bem feito pra nós! Quem manda ficar destruindo tudo pra comer?! Matando os bichos... Parece coisa de onça, que é ente endemoniado. Vaca num derruba as mata, nem mata bicho pra comer. Só come mato que é coisa que tá aí mesmo é pra comer, que tem pra tudo que é lado, por volta de tudo. Mesmo quando tá danado de seco, sempre há de ter uns talinhos escondidos por aí...

Bem que homem devia mesmo era de ser como vaca. Mas, só no comer. Porque vaca é bicho danado de burro! Chega dói! A bicha deixa a gente fazer o que quiser com ela. Amansar e até tirar o leite dos bezeros dela, ela deixa. Ainda por cima, marcar ela com ferro quente e ficar dono dela por um tiquinho de nada! É só dá água e pasto. Eu penso que é porque ela num sabe da força que tem, né? Já pensou naqueles chifrão??? Então, dá de meter medo! E se ela resolve trancar as torneiras lá dela, de dar leite, ãh?! Aí, eu queria só ver as caras dos homens que só vivem de enganar as bichas. Ah, se eu queria!

Pensando bem, eu acho que nós aqui desse sertão brabo já estamos vivendo como vaca faz tempo, num sabe? Já estamos assim, com o couro rachado que nem essa terra, feito chaga aberta por esse solão mise-

pouca água dada e do plantio pouco. Amansados pela fome, esquecidos nesse sertãozão, arando a seca. Ruminando nossas esperanças, que vão e voltam, feito comer de vaca.

Mas se nós tivesse pelo menos chifres, num ia de ser como vaca não, que tá lá conformada, olhando os urubus voando por cima delas, só esperando a morte que sempre há de chegar... Nós ia mesmo era pra cima, chifrando tudo, sem medo. Que nós aqui do sertão estamos acostumados a lutar. Quem vive de pelejar com a morte – que por aqui não mete espanto –, não há de se avexar com as coisas dos vivos. Nós somos gente de bem, graças a Deus! Mas na hora da precisão, do avexamento mesmo, quando a gente fica até arrepiado de revolta, a gente dá tudo as mãos, que por aqui todo mundo se ajuda. É o ensinamento da seca. Agora, esse negócio de roubar pra comer, Deus me livre, não tá certo, não! Homem que é homem, homem que tem tenência na cara num tem precisão de fazer uma desgraça dessas, de mexer na coisa alheia, não. De roubar. Nem de deixar seus conterrâneos, nenhum ser vivente morrer à míngua.

Nós precisa é de terra e de boa água, como vaca. Mais não pra se conformar como ela, de maneira nenhuma! Nem pra ficar amansado. A gente quer só o que Deus deu de mão beijada, mas os homem lá de cima tirou. A gente quer terra e água pra poder plantar e dar de comer pra nós e pros nossos filhos. Aí sim, ia ser bonito de se ver. Que não tem coisa mais linda nesse mundo do que a terra toda verdinha, o gado pastando... Sem urubu rodando em cima pra agourar essa beleza.

Só ia de precisar era de ter cuidado com os gaviões, que é bicho danado pra beliscar os umbigos dos bezerros novos. Porque com essa fartura toda, ia de nascer um montão deles, ah, se ia! E nós num ia mais

feito urubus; com quem ia ou não ia ser o mandão nesse nosso Brasil. Porque com essa fartura toda, com esse mundaréu de pasto crescendo, de bezerros nascendo, nós ia era apagar da bandeira aquele amarelão, que dizem que representa o ouro do país – que a gente nunca nem viu o brilho dele –, mas eu acho mesmo que representa é o amarelão da seca e da cara de esfomeado de tudo que é lazarento que aqui vive, que anda por aí, sem terra, sem teto pra morar, sem ter o de comer. Nós ia ver essa tal de democracia ser mesmo dos vera, para os que têm precisão: o povo que tem fome e tem pressa. E na nossa bandeira ia de ficar somente o azulzão que representa o céu, que é de Deus! E o verdãozão que é das matas e das lavouras, e lá no meio ia de tá escrito “Terra e Progresso”, que é coisa nossa e tenência dos homem de vergonha!

E nós num ia nunca mais de ter que ficar assim, ruminando nossas esperanças, que vão e voltam, feito comer de vaca...

CHÃO SECO

Eugênio Borges

— Tonhoouo! Caminha pra dentro, menino!

— Já vou, mainha!

Eram assim todos os finais de tarde: tal como o milagre dos peixes, Antônia fazia o milagre das águas, conseguia banhar dez filhos em vinte litros de água, exatamente a quantidade que cabia na lata de água. Em cima duma bacia, molhava o primeiro filho, ensaboava e enxaguava com mais ou menos um litro e meio de água. O segundo filho era molhado com a mesma água do primeiro, ensaboado e depois enxaguado em água limpa, e lá se ia mais ou menos outro litro. E assim, filho após filho, Tonha conseguia banhá-los a todos.

Às vezes, ainda conseguia deixar na lata de água uma sobra para cozinhar o baião de dois, constituindo essa a única refeição quente do dia, acompanhada de um punhado de farinha.

Do chão seco improdutivo, Antônia ainda conseguia colher alguns verdes, à custa de regar com a água que tanto custava a buscar, uns quiabos, uns maxixes, uns amargosos jilós, umas mandiocas. Todo o pouco milho que conseguia colher ia para a ração dos animais, umas galinhas, duas cabrinhas e a vaquinha.

Recostada na soleira da porta, a pitar o seu cachimbo de barro com fumo de rolo, olhava o horizonte, tentando perscrutar alguma impos-

Casa de pau-a-pique, chão de terra batida e teto de palha. Só havia a abertura de uma porta e de uma janela (sem porta nem janela para fechar), o que fazia o interior da casa aquecer além dos 40° graus durante o dia. Implantada em pleno sertão de Pernambuco, zona de caatinga, extremamente inóspita. O fogão de lenha, feito em barro, só era aceso à noite, quando o implacável sol já se tinha apagado, para fazer a refeição e ajudar o fraco candeeiro de querosene a iluminar o local.

Vô Zé começava então seu desfiar de histórias de encantar e de meter medo, desde histórias de mula sem cabeça, que botava fogo pelas ventas (com várias versões diferentes), saci pererê, com suas diabruras (cada uma, outra história), as do boto, essas diferentes de seu mundo, pois se passavam sempre à beira rio, e das que o Tonho nunca gostou, tais como as de lobisomem (tinha pesadelos sempre) e assassinos, como as do grupo de Lampião, essas com muitos pormenores sanguinários. Nunca contou uma história bonita, que terminasse com casamento, felicidades e muitos filhos, ou assim... Não faziam parte do seu imaginário de vida, nem dos deles. A crueza do dia a dia só lhe permitia construir histórias daquele gênero. A fome só trazia feiúra, nenhuma boniteza.

O marido de Tonha foi para S. Paulo antes de o último filho nascer, e nunca mais deu notícias. A mãe desdobrou-se no campo, plantando aquilo que o clima e a falta de água permitia, mas foi o dinheiro do Bolsa Família, que permitiu àquela família não perecer de fome. As roupas que possuíam eram só farrapos e os mais novos andavam sempre nus.

As tarefas do Tonho eram coletar lenha seca para o fogão, mungir o leite da mimosa, a única vaca leiteira, e de duas cabras. A água para os animais leiteiros não podia faltar, ou não haveria leite suficiente para

lameiro, lugar assim chamado pela abundância de lama que havia naquele pequeno lago, que distava a volta de 6 km de casa. Caminho e tempo suficiente para a imaginação do menino se expandir em sonhos de vida diferente daquela, qualquer uma que não fosse tão severa. No lombo de mimosa, dois tambores com capacidade para 40 litros cada. Demorava pelo menos duas horas a coletar a água daquele lameiro, em cuias de coité com muito cuidado para não turvar a água. Levava por uma corda as duas cabras, que junto com mimosa enchiam a barriga de água.

Era esse o seu trabalho naquele mundo isolado, com 12 anos e nunca conheceu uma escola, sua escola era essa dura vida do sertão.

Mas, no domingo seguinte, após a missa, foi chamado pelo padre, que o avisou que a partir da próxima semana iria começar a alfabetização na igreja, ele que trouxesse seus irmãos maiores de seis anos. Iriam receber cadernos, lápis, borrachas e roupas para frequentar a escola. Tonho parecia estar a viver um sonho, iria finalmente saber ler e escrever, ter acesso àquele mundo desconhecido. Olhos cheios de alegria, foi contar a novidade para a mãe. Teve que prometer a ela que, antes de ir para a escola, ordenharia a mimosa e as cabras, e que na volta iria buscar água. Da sua casa, ele era o mais velho dos cinco que iriam para a escola.

Quase não dormiu naquela noite, sonhou com muitos livros, com muitas letras e conseguia lê-las todas, mas no tumultuoso sonho, elas não faziam sentido, e se sentia perdido com toda aquela informação a se precipitar sobre ele em catadupa. Acordou cansado e muito cedo, fez as suas tarefas e ficou pronto antes da hora, a apressar seus irmãos.

— Bora, que a fessôra vai brigar.

estudado, sentido. Aquela vida limitada em sobrevivência e obscuridade estava condenada a ficar presa ao passado, pronta para ser esquecida. O seu distanciar daquele mundo começara.

Naquele primeiro dia de aula, ia feliz com a roupa nova e levava os quatro irmãos mais novos com ar de pai responsável. O caminho pareceu-lhe mais fácil de percorrer, a caatinga mais bonita, o sol menos quente, até os urubus que rondavam as carniças do gado morto pela fome e sede próximo dali pareceram-lhe bonitos em seus vôos planados.

Gostou de tudo, da escola, antes abandonada, agora revivida pelo empenhamento do padre, que havia conseguido carteiras novas, escola caiada recentemente, quadro negro novo.

Tonho foi conquistado pela professora, e ela por ele, assim que se apercebeu da paixão de Tonho por aquele mundo novo. Seu aprendizado foi muito rápido, em pouco tempo foi alfabetizado. Sua dedicação era tanta que passou a ser o ajudante da professora, ensinando aos mais atrasados o desenhar das letras e o seu significado. Foi incentivado a ler os livros que a professora emprestava, e logo já conseguia escrever pequenos resumos sem erros de ortografia, de razoável qualidade. Aprendeu com sofreguidão a dominar o tão difícil mundo da aritmética, e logo ensinava aos outros meninos como se fosse um professor.

Chegava sempre antes da professora, organizava as carteiras e os meninos, de modo que quando ela chegava era só começar a aula.

Foi então que começaram a surgir em sua cabeça sonhos nunca dantes sonhados, situações ainda não conhecidas que o mundo dos livros lhe proporcionava. Sonhos de vigília, estruturados, que iam amadurecendo

de pequenos comentários, conselhos sobre a soberba e penitência de duas ave-marias. A professora com encanto ouviu e, admirada como aquela cabecinha, antes tão vazia de tudo, agora conseguia idealizar um futuro cheio de aspirações.

Foi então que a professora ousou sonhar. Iria embora dali a meses para a cidade, não tinha filhos e se propunha a levar o Tonho, para que progredisse nos estudos, custearia tudo, seria o filho que tanto aspirara.

Antônia disse que não, que ali era a casa dele, que ali haveria de viver, apagando os sonhos dos dois.

— Não sou mãe de dar os meus filhos para os outros.

Assim, irredutível. Não houve argumentos que a convencessem.

Tonho sentiu uma compulsão interior incontrolável, assim como um fogo em sua cabeça, que o impeliu a concretizar seu sonho. Desapareceu no dia seguinte. Deixou debaixo da porta da professora duas cartas: uma para ela, outra para a mãe.

Carta da professora:

Professora,

Depois que descobri o mundo que existe fora dos meus olhos, não me tenho dentro de mim. Tenho que tentar minha sorte no mundo de lá. Sei onde a professora mora, se alguma vez eu precisar de ajuda, irei procurá-la. Obrigado por ter me tornado gente. Peço-lhe que leve a carta de minha mãe e que a leia, pois ela não sabe ler.

Tonho

assumiu as culpas do sucedido e lhe disse que, se tivesse sabido com antecedência, teria feito tudo para evitar que acontecesse daquela maneira, em forma de fuga.

Tonha ouviu tudo que lhe foi dito, muda, retendo lágrimas, olhar perdido no horizonte, disse-lhe:

— Não, não quero que me leia a carta. Vou colocar debaixo dos pés da santa e vou esperar a volta do Tonho, que ele mesmo vai me ler a carta quando retornar à casa.

Voz embargada, lágrimas nos olhos, conduziu o corpo da professora para fora da casa e lhe virou as costas, numa despedida ostensiva.

Os anos passaram-se, perpetuando aquela seca e fome, sem dó daquele povo sofrido.

Nunca mais ninguém ouviu falar do Tonho, ave que migrou e perdeu o caminho de volta, sopro de vida do sertão que seco aguarda sua volta.

Tonha morreu com 82 anos, sem deixar um único dia de acender uma vela pro Tonho, olhos de esperança postos na estrada que não sabia ensinar os caminhos de volta...

OLÍMPICA

Nilzinha Menezes dos Santos

Lyone desceu do ônibus, voltando de mais uma tarde de treino puxado. Depois, uns minutos a pé, subindo pelas vielas e escadarias da comunidade.

Quinta-feira, uma semana puxada; o plano era cair no sofá e descansar um pouco, pôr as redes sociais em dia e depois estudar para a prova de Biologia. Vinha suada, apressando os passos; o velho tênis ajudava, mas a lesão na coxa esquerda não.

De repente, sentiu tocarem-lhe as costas; sem nada pensar, virou-se. Era a Morte; vinha montada no dorso veloz de uma ave-bala.

Aos doze anos, Lyone vinha se despontando como uma das promessas da ginástica artística. Evitava alimentar ilusões, mas sentia a cada dia a possibilidade de representar o Brasil nos campeonatos; até sonhar com uma vaga nas Olimpíadas.

O besouro não deveria voar, é pesado demais para as frágeis asinhas; no entanto voa. A vida dela pesava, mas ela estava voando. Uma subida muito mais sofrida que as dores, distensões e machucaduras dos rigorosos treinos diários. Entre a falta de recursos da família, as brigas constantes entre a mãe e o pai alcoólatra; e o irmão que se perdia por aí, na fumaça etérea de mais uma “pedra”...

Apesar das dificuldades, da parte dela era total a entrega, a busca pela excelência; a cada dia, ela impressionava mais os treinadores com a

Ginastas de gerações mais antigas eram sua inspiração. Assistia em vídeos a performances das estrelas, e criava seu próprio jeito de executar as séries de exercícios. O resultado combinava com perfeição sua delicadeza de menina e uma técnica elegante e precisa.

Se perguntavam qual era seu sonho, ela respondia, como outros jovens atletas, que era subir ao topo do monte Olimpo! Ganhar medalhas, reconhecimento e dinheiro, poder dar uma boa condição para a família; mas no fundo não havia realmente um sonho assim. Durante os exercícios, seu corpo chegava ao limite, mas seu espírito ficava em paz, e o lugar onde ela realmente queria estar era onde pudesse alcançar essa paz, não importava muito se era sob os holofotes em uma grande competição, ou treinando sozinha no pequeno ginásio nos fundos da escola.

A dor que incomodava mais era o irmão. Numa dessas manhãs, antes de sair para o treino, ela entrou no quarto dele, torcendo para que ele tivesse voltado pra casa antes que a mãe acordasse. Não voltara. Na parede ao lado da cama dele, estava rabiscado a lápis: “Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou? – Fernando Pessoa.” Naquela manhã, durante o percurso, ela ficou a se lembrar da infância, quando tudo parecia ser mais seguro, e o irmão lhe ensinava a fabricar pipas, e iam juntos à escola. Fechou os olhos e pediu por ele, pediu por todos.

Subindo a escadaria ia a pequena atleta. Ia só, porém sonhando; mas do redemoinho infernal de um tiroteio voou a bala, interrompendo-lhe o sonho e a vida. Seus pés tropeçaram no ar, seu corpinho ficou caído na escadaria, cercado por moradores e curiosos.

Nas retinas bêbadas do pai que chegou depois, ficou a imagem da pequena; a sua pequena equilibrista, caída ao solo, ao cair da tarde. Imagem que, em três dias, já nem seria mais notícia nas páginas do cotidiano

O IMPROVÁVEL AMOR ENTRE O FILHO DO PALHAÇO E A FILHA DO COVEIRO

Rejane Benvenuto

Quem mora entre o circo e o cemitério não deveria se espantar com nada. Mas eu me espanto. Quando o Circo do Palhaço Cuscuz apareceu no terreno baldio ao lado da minha casa, senti um arrepio. Preferi atribuí-lo à leveza de minhas vestes, ante o inverno que já se anunciava. Dos fundos da área em que a lona colorida foi montada, avistava-se o cemitério da cidade e, perto do muro, a casa de madeira em que o avô do coveiro instalara a família há anos.

A primeira vez que os vizinhos se dirigiram a palavra foi por conta de um varal de roupas estendido pela trupe circense rente à divisória dos terrenos. Coincidência ou não, era onde a família do coveiro dependurava roupas em um fio amarrado entre duas árvores. Bastava um vento forte soprar para as roupas se enroscarem. O palhaço reclamava de manchas de terra nos seus trajes de cetim. O coveiro, de purpurina nos macacões de trabalho. As mulheres dos dois, grávidas, apartavam as brigas. E as crianças cresceram proibidas de se aproximarem.

O muro virou a curiosidade dos pequenos, que logo aprenderam a escalá-lo. A filha do coveiro ficava encantada ao ver o amigo ensinando galinhas a dar cambalhotas. E o menino extasiava-se com a destreza com que ela cavava buracos com a pá de lixo, para forjar o enterro de alguma boneca. Não demoraram a virar cúmplices. Algumas aves quebravam o pescoço no treinamento do filho do palhaço Cuscuz. A filha do coveiro se oferecia para enterrar o corpo. E a culpa do sumiço das galinhas ficava com o velho e faminto leão Simba.

Passaram-se temporadas sem o circo voltar. O filho do palhaço e a filha do coveiro já eram adolescentes quando se reencontraram. O palhaço morrera da tristeza. O coveiro, do cigarro. Os filhos foram morar juntos, no barraco do coveiro. Cuscuz Júnior passou a fazer performances de clown para animar os enterros produzidos pela esposa. No antigo terreno baldio que recebia o circo, surgiu um empreendimento de luxo com quatro torres. A última notícia é que os netos do palhaço e do coveiro foram vistos se apresentando aos filhos dos novos moradores, por entre as grades de ferro do condomínio.

UM CIDADÃO NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Arlindo Kamimura

A imagem que ele via refletida no espelho, quando se levantou de manhã, disparou um alarme, avisando-lhe que algo profundamente bizarro estava em curso. A pequena pinta marrom sobre o olho esquerdo, velha companheira de todas as horas e anos de sua vida estava do lado errado! Piscou várias vezes para quebrar um possível encanto ou alucinação e a pinta teimava em continuar estacionada sobre o olho direito. Um lampejo de raciocínio lógico sobre a propriedade antissimétrica, ou simetria quiral, como os físicos gostam de chamar, da imagem dos espelhos, atravessou-lhe rapidamente o cérebro, sugerindo-lhe de maneira incômoda que a realidade tal qual estava habituado a reconhecer e manusear estava na verdade com aquele indivíduo do outro lado da superfície espelhada.

Apanhou a escova de dentes com a mão esquerda, apesar de ser destro, apenas para não aumentar o desconforto de ver sua imagem escovando os dentes com a mão direita. Sua estupefação aumentou quando viu a água sendo escoada pelo ralo da pia em perfeito redemoinho, mas girando no sentido anti-horário, como aconteceria se estivesse no Hemisfério Norte. Isto porque havia feito, simultaneamente, o curso de Psicologia com um curso de Mecânica Racional e sabia que corpos em movimento em sistemas não inerciais, como é o caso do planeta Terra, estão sujeitos à força de Coriolis, deslocando sua trajetória perpendicularmente à direita

havia exagerado um pouco no vinho e, à parte o fato de ter visto estampado na lua o logotipo da rede Globo, absolutamente nenhum outro acontecimento anormal lhe havia chamado a atenção.

Ligou a tevê para ouvir o noticiário e viu, boquiaberto, que um notório político e ex-governador estava com sua prisão decretada e seus bens bloqueados pela justiça. A caminho do trabalho, após o informe sobre o trânsito pelos repórteres aéreos de que nenhum congestionamento fora observado, ouviu o bloco de notícias ambientais com novidades alvissareiras tanto sobre o buraco na camada de ozônio, quanto sobre os níveis de poluentes gasosos, que estavam diminuindo e que haviam encontrado uma colônia de pássaros dô-dô nas ilhas Maurício, invalidando, portanto, seus crachás taxonômicos como espécies extintas. No trajeto, tivera outras surpresas agradáveis. Ao parar no semáforo, o habitual bando de crianças maltrapilhas, antecedendo súplicas com aquela fastienta avocação parental, tinha sido substituída pelos mesmos garotos decentemente vestidos a caminho da escola e atravessando civilizadamente na faixa de pedestre. Não encontrara o habitual e ruidoso grupo do Movimento dos Sem Nada.

Ao se dirigir ao local de trabalho, esbarrou em um gordo, lustroso e distinto mamífero de óculos e bigode, um ilustre castor, com um celular pendurado no pescoço, aparentando pressa e aflição, dizendo-se atrasado para a reunião com empresas de construção civil, interessadas no setor de diques e barragens. Percorreu pensativo o corredor que dava acesso a sua sala, feliz ao perceber que seus sapatos, usualmente insaciáveis, não estavam engolindo as meias. Ouvira que o país voltara a crescer e que o índice de Gini havia despencado, isso, sem que a inflação houvesse bafejado chamas ardentes sobre a economia.

Desde sua juventude, nos anos cinquenta, sempre participara ati-

população, na arquibancada dos acontecimentos nacionais. Sua identificação sempre fora com as causas dos menos favorecidos, aqueles sem condição de exercer sua cidadania, sinceramente interessado em sociologia, política e nas grandes causas sociais. Por causa disso, havia entrado, no presente momento, em choque com adeptos daquele partido, cujo ideário, nos primórdios de sua fundação, condenava as mesmas benesses e privilégios hoje desfrutados na atual condição de donos do poder.

O manicômio global onde ocupava a posição de diretor era dividido em duas classes de alienados: os que se consideravam herdeiros de uma ideologia em ascensão, que proclamava categoricamente o fim da história, e aqueles que teimavam em permanecer atrelados aos conceitos dialéticos de que sua vez haveria de chegar. O primeiro grupo se considerava o condutor do processo neoliberal, cujo destemperado discurso contra as estatais continha também a panaceia socioeconômica globalizante da preservação a qualquer custo do capital financeiro e da sábia mão invisível do mercado. O segundo grupo insistia nos surrados e melancólicos discursos e palavras de ordem conclamando o povo a se unir em luta contra a tirania da classe exploradora, que lhe subtraía a mais valia, mantendo dessa forma o grupo na situação permanente de subjugado.

Naquele dia disparatado, o diretor do manicômio foi despertado para uma realidade totalmente contrária ao senso comum ao perceber que não conseguia mais distinguir os dois grupos. Em termos analíticos cartesianos, estava confuso com o fato de que os dois discursos contrários estavam alternando o estofa numa mesma discussão. Era surpreendente o contraponto que se estabelecia entre as duas perorações, aparentemente antagônicas, no tocante aos valores morais e materiais, um acreditando na evolução do ser humano nos aspectos altruísticos e coletivos e o outro

na evolução do ser humano nos aspectos altruísticos e coletivos e o outro apostando na permanência do gênero humano nas entranhas egoísticas do individualismo. Em geral, lidava apenas com loucos mansos perambulando em labirintos mentais sem saída, não exigindo dos cuidadores mais do que os cuidados profissionais padronizados, mantendo normalmente um rigoroso controle da situação. Entretanto, nesse malfadado ou feliz dia, não sabia ao certo, aqueles dois grupos se comportavam como um único, configurando uma complexa síndrome da psiquiatria, tal qual duas moedas com apenas duas faces. Espreitou cuidadosamente os líderes dos grupos nas mais diversas situações, na firme intenção de surpreendê-los num momento de unicidade ou duplicidade corporal, a tal ponto que o líder neoliberal, enfasiado com as constantes cobranças no seu comportamento, pediu para que esquecessem tudo o que havia dito e escrito no passado.

O diretor do manicômio ficou abalado com a constatação da nova realidade, desconfiando que a sua inerente existência se confundia com a daqueles dois, ou seja, duvidando de sua própria sanidade mental, isso porque passou a ver, a partir desse momento, gatos abstrusos nas árvores que desapareciam, deixando apenas sorrisos irônicos, que, face à situação, desconfiava fortemente serem, na atual circunstância, esgares de puro sarcasmo.

Cansado dessa vigília inútil, chegou à conclusão de que o momento de sua aposentadoria havia chegado, embora tivesse já diversas aposentadorias. Seu sonho maior, no momento, era o de transformar o manicômio no domínio perene de sua dinastia, para que seus filhos e netos tivessem um futuro próspero e seguro, sem percalços ou ameaças.

Afinal, era um pai extremado e um cidadão com muitos predica-

TEORIA POLÍTICA AO SOM DE CHICO BUARQUE

Eduardo Selga

Agora eu era o pai, e da cobertura, meu cavalo, que só falava inglês, come no balde de champanhe como se fosse cocho especialmente cheio de ração... Aqui do alto, felizmente, não é possível ter contato com as minúcias lá debaixo, o espetáculo que os Anarquistas, com as Graças de Deus, nos prepararam, devidamente orientados por mim.

— Atravancam a inalienável liberdade de ir e vir dos cidadãos de Sacrossanta, a maior de nossas metrópoles — dirá algum telejornal, muito preocupado com os destinos do país.

A cruz está pronta diante do Ministério de Ordem Serena, e a plebe traz, arrastado na aspereza do asfalto, o premier. Daqui a pouco estará em chamas, funcionando simultaneamente como show do circo e forno que assa o pão do povo.

Vinho tinto querendo ir à boca, mas suspendo meu gesto e, benevolente, brindo à saúde do povo. Com a outra mão, discretas saudações como se estivesse em carro aberto, porque amanhã, ou no máximo depois, terei de repetir o aceno ao desfilar na avenida minha faixa presidencial. No sossego do meu apartamento, meu filho ao lado, considero a rebeldia pré-programada das massas algo muito necessário ao bem do meu povo, salutar ao exercício da democracia conforme eu a pretendo. Afinal, amanhã o Estado será meu. E futuramente dele, herdeiro, varão, hoje com vinte anos. Junto, é claro, com o meu cavalo.

Sorrio ao lembrar-me do alerta que dei aos Pares da Cúpula, nem faz dez dias, mascarado com minha fingida inquietação e já conhecendo bem os caminhos irreversíveis da História e o quanto ela é manipulável: “precisamos tomar cuidado, o monstro vai emergir da lagoa”; “ah, meu caro, você anda ouvindo muito Chico Buarque...” – disse o negligente secretário do premier, sob risos dos acéfalos.

...

Agora eu tomo a palavra e sou o filho, traidor do meu pai. Dou-lhe uma porrada que lhe arreventa o sorriso (aquele instante em que os dentes ainda não se mostram). Ele cai. Sangra. Sobre o mármore que reveste o piso da sala, a vermelhidão rubi, cacos de cristal. E algum estilhaço de dente salta da boca. Enquanto isso, o cavalo poliglota relincha e ri.

— Meu pai... veja a situação do nosso querido populacho. Tenha dó... Manipulá-lo em favor de seus mesquinhos interesses de poder?! Que indecência... Nunca o permitirei! O Estado, amanhã, serei eu, papai.

— Filho da puta! — grita do alto da autoridade paterna que ainda pensa ter e limpa com as costas da mão os lábios rasgados, tintos de sangue.

— E você é algum filho da santa? Sabe muito bem o quanto é filho daquela outra. — Não grito, tenho estilo, mas cuspo de lado uma saliva grossa, de operário braçal que nunca fui, para emprestar à cena maior impacto. — A propósito, papai, aquele secretário negligente – por acaso eu mesmo, lembra-se? – estava correto ao dizer na reunião que o senhor tem Chico Buarque nos ouvidos em demasia. Mais, agora largando na cadeira o paletó e a gravata do cargo, e, falando de filho para pai, coisa que pouco

Tiro do bolso meu cálice lilás de plástico ecologicamente sustentável, miniatura politicamente correta. Nele, entorno meu vinho pátrio (há que se estimular a indústria nativa) e me divirto observando a crucificação, ao som de aplausos, gargalhadas, palavras de ordem, repiniques, coreografias. Ah, o povo... É a veia que salta, sinto a gota que falta pro desfecho da festa... É assim que o tal Chico Buarque canta. Ou cantava?

Desde já, o Estado sou eu. Meu pai, derramado no chão, um caco. Vai reerguer-se (sempre tira do colete outro alento), mas, sentado no ângulo de duas paredes, ele me encara com ódio, sangue na boca e ciúme de minha pujança rebelde. Sinto-me quase revolucionário por isso. Nalgum lugar do passado também ele foi assim, porém menos prático com suas passeatas e abaixo-assinados em favor de causas supostamente justas. Na verdade, agora ele é um falso vencido. Calcula a vingança, a distância entre nós para não errar o bote.

— Se você, filhote do papai, se considera um vértice tão oposto a mim, desça lá. Assista ao desfecho da festa junto deles, os que acreditam ter nas próprias mãos seus destinos. Vá lá e repete junto, solidariamente: “O povo vencido jamais será unido!”. Melhor: beba perante todos um cálice do sangue do premier, diz as exatas palavras que eu e você sabemos usar nessas situações e que nos constroem andores nos braços fortes do povo.

— Entenda: sou igual a você, papai. Genética? Convívio? Vá saber... A diferença se resume ao método. Você manobra, conservando aberto o fosso, na esperança de a distância ser entendida como elemento que o distinguirá a ponto de ser visto como líder pela turba; eu mexo os mesmos cordéis, mas não deixo a gentalha enxergar o fosso, de modo que, ao invés de mostrar-me alguém externo que se identifica com o grupo, me passo por

para si é uma ideia arcaica. Condenada pela moderna teoria política. No meu caso, é diferente: para saudável conservação do Estado, ele precisa ser eu.

— Não seja menino... Devemos nos apropriar, mas nunca confundir as estruturas do poder com o mandatário, sob o risco de, em caso de abalo similar ao que vemos agora, a queda do chefe do Executivo ser bem mais fácil, pois todas as ferramentas estão concentradas nele. No entanto, ao manter em rédeas curtas os instrumentos, mantendo-os em seu devido lugar, ocorrendo qualquer revolta verdadeiramente grave basta aliviar as rédeas. Depois são retomadas, com maior energia, suturando eventuais falhas.

A velha ladainha de quem se julga intelectualmente santificado. Isso me lembra: os homens do povo costumam entornar bebida para o santo no qual acreditam, antes de bebê-la. Não que eu acredite na beatitude: gosto de parecer um igual, um simples, e para isso é necessário treino constante. Sobretudo porque amanhã terei de repetir o exotismo de alguns desses gestos populares no itinerário a pé que farei do subúrbio mais indócil até a tranquilidade da Casa Grande do Governo. É a jornada do herói.

Volto minha atenção ao espetáculo dos Anarquistas com a Graça de Deus. Apoio a testa na vidraça que isola as atmosferas: lá fora, o cheiro da carne torrando; aqui, o ar condicionado, o cavalo espargindo gases ingleses. Minha respiração na janela embaça um pouco a imagem, mas não a beleza do panorama, além de me fazer lembrar da infância, do tempo em que incendiava filhotes de gato enquanto meu avô achava muito engraçado. Agora, todo o incêndio lá está: a sociedade arde em chamas para mim.

Pelo reflexo nos vidros, consigo ver e finjo não enxergar, como

sei que carrega consigo, sempre oculto no paletó quando precisamos conversar, um punhal-misericórdia bem afiado (herança de vovô, um caudilho ordinário), e que seu desejo é (sempre foi) enterrá-la em minhas costas até o cabo de madrepérola após me fazer ouvir, pela milionésima vez, o eterno discurso.

...

Agora eu retomo a palavra, devidamente pai. Sei que ele sabe que pretendo matá-lo. Nem tanto pelos conflitos políticos, afinal tudo é negociável no universo das ideias irreconciliáveis, mas, sim, como legítima defesa: nalgum momento ele tentará acabar comigo. É um jovem-velho mais velho que eu, deteriorado e ridículo, que se deixa arrastar pelo pensamento insurgente, supor que o adversário precisa estar defunto. Não devo, porém, ser insensato e puxar a arma a esmo: ele carrega consigo, bem oculto no paletó quando precisamos conversar, um punhal-misericórdia sempre bem afiado (herança do meu papai).

Lentamente me aproximo, a passo, na garupa do cavalo falante. Emparelho. Olho torto para ele, que devolve a suspeita, tiro do bolso um desses cálices plásticos em miniatura que ele gosta de usar. Santo mau gosto... Sem dizer uma palavra, peço-lhe um pouco da zurrapa que ele chama de vinho. Finge sorrir, pega de minha mão o cálice, cospe dentro, entorna o vinho, devolve-me. Agradeço, bebo, estalo a língua no céu da boca, finjo deliciar-me.

Abraçamo-nos, uma reconciliação impostora. Lá embaixo, Chico Buarque é cantado em forma de protesto, invadindo os corações da plebe rude, enquanto se queima o premier. E seremos os dois felizes para sempre, ao som da gritaria do povo.

Sem pressa, aproximamos nossas mãos dos respectivos punhais-misericórdias. Nunca se sabe o tamanho do caos que poderá instalar-se quando o premier silenciar e abrir um espaço político gigantesco a ser disputado no universozinho de Sacrossanta.

ÀS MARGENS DO DIREITO

Raquel Oliveira de Castro

Tatatatatata Tatatatata Tatatatata

Nem seis da manhã e o tiro comendo solto. Tá ouvindo isso, Thalita? Terceiro dia de invasão e nem sinal dos home. Mais um dia de atraso. É hoje que seu Antônio me manda embora e não vou nem poder reclamar. Não é culpa dele se os preto não se entende. Vivem em guerra.

Ele sabe que moro no morro, mas me respeita. Também, nunca dei motivo pra falar mal de mim. Nunca peguei nada. Dou o troco certinho. Se precisar, arredondo ou até contribuo com uns centavos pra evitar aborrecimento. O portuga não gosta de ouvir reclamação. A outra lá não sabe falar com os cliente. Vive de cara amarrada. Seu Antônio vai cansar qualquer dia. Ela acha que é mocinha e vai segurar o velho pra sempre. O que não falta é novinha precisando de emprego. Se bem que aquele ali não é pra qualquer uma, não. Deus me livre de aturar homem igual aquele. Meus home foram tudo bonito. Tive gosto de fazer cada filho. Aquele ali não aceito nem pagando. Mas tem gosto pra tudo e tem mulher que adora um encosto.

Tatatatatata. Tatatatata.

Que que é, Washington? Já falei que só vai descer quando o tiro acabar. Que não vai acabar o quê? Sempre acaba. Teu irmão já explicou. Nem bala dura para sempre. Já disse que tá sem água. Lava o rosto com esse resto aí. Quando chegar da escola, pega água e termina de lavar essa

não para, vão ficar o dia inteiro sem comida. Nem o boteco do Gilson tá abrindo. Vou ver se trago espetinho e batata frita dessa vez. Coxinha tá me deixando com azia. Fica quieto, garoto! Esquenta o café com leite. Tem biscoito aí.

Tatatatatatata. Tatatatatata.

Nossa, hoje tá durando mais. Cortaram até a luz. Todo mundo entocado. Thalita, vê o que o teu irmão tá querendo e faz esse menino calar a boca. Olha, o povo tudo em silêncio. Tá vindo alguém. Abaixa, abaixa. Shiiii. Tô vendo dois. Tem mais gente vindo atrás. Tatatatatata.

Deita, deita. Cala a boca, menino! Meu Deus do céu, de hoje eu não passo. Se não morrer de bala, morro de aflição. Onde é que esse pessoal arruma dinheiro pra comprar tanta bala? Seu Antônio vai me mandar embora. Tô até vendo. Quem é o patrão que vai querer pagar trabalhador que não trabalha? É problema dele se moro mal? Já calçou o tênis? Assim que acabar, a gente desce. Vou falar com os home e a gente desce rapidinho. O pessoal lá de baixo me conhece. Sabe que sou trabalhadora. Não tenho nada a ver com isso aí. Deixa o tiro sossegar e a gente desce. Olha lá, tem gente subindo. É dos nosso. Passaram correndo. Como é que vou saber quem tá fugindo? Tu quer ir lá fora ver quem é? Então não faz pergunta besta. Já arrumou a mochila?

Não dá nem pra avisar que vou chegar atrasada. Quando chegar na escola, tu carrega esse celular. Só sobe se não tiver tiroteio, ouviu? Qualquer coisa, tu vai pro Salgueiro. Pede guarida pra tua tia. Ela deve ter tentado ligar. Diz que não deu pra carregar o celular. Que tá sem luz aqui e a bateria arriou. Shiiii! Tem mais gente andando aí. Abaixa, abaixa.

pensão, ninguém come no morro. Na hora de fazer filho, gostou. Na hora de sustentar, vem com papo de que tá com medo. Por Deus! Foi o único homem frouxo que conheci. Achei que tava segura. Veio cheio de conversa bonita. “Sou trabalhador. Da igreja. Não me meto com essas coisa, não.” Pode até não se meter, mas honesto também não é. Pulou fora assim que arrumei barriga. Só traz o dinheiro porque ameacei contar pra mulher. Agora é pastor. Podia vir aqui sempre que quisesse. Todo mundo aqui respeita o pessoal da igreja. Mas não. Diz que não quer misturar as coisa. Por que não te leva pra morar com ele? Cagar regra ele quer. “Thalita tá namorando? Tá indo à igreja? Se você não fica de olho, essa menina vai se perder.” Perdida a gente já tá há muito tempo. Onde já se viu ter de pedir licença pra sair de casa? Pra ir trabalhar? Ter de abrir bolsa, ser revistada, tratada que nem bandido? E teu pai preocupado se tu vai pegar barriga. Já te falei. Tu não é criança. Se for arrumar barriga, tu sabe no que vai dar. Esses moleque aí morrem cedo. Só fiz essa cagada uma vez. Tava sozinha, duas criança pequena. Prometeu mundos e fundos. Na primeira invasão, caiu e deixou o Washington aí. Se a gente não foge pra cá, não sei o que seria. Fica quieto, garoto!

Tu sabe o quanto foi difícil trabalhar cada dia numa casa? Limpar vômito de home bêbado? Dar banho em cachorro? A catinga grudava no estofado. E pra tirar aquela mancha? Deus que me perdoe, mas gente rica é porca! Agora tô num emprego decente. Seu Antônio não atrasa salário. Me trata bem. Paga direitinho. E eu deixo ele na mão! Por isso que o pessoal não gosta de dar emprego pra quem mora em favela. Shiii... Tá ouvindo? Parou. Será que dá pra sair?

Vai dar pro cês pegarem a escola. Graças a Deus! Depois cê explica à professora o atraso. Com seu Antônio, vou ver se fico mais tarde.

armário. Ele gosta da minha faxina. Quieta! Escuta. Tem gente aí fora. Se abaixa. Tá na porta! Cala a boca, menino!

E o que que tu veio fazer aqui, Wesley? Eu te falei pra não entrar nessa vida. Tu teimou. Queria tênis da moda. Desfilar de moto pra cima e pra baixo. Tirar onda no baile. Quanto que te avisei que essa vida não é pra todo mundo! Não dá futuro. Dinheiro fácil não presta, Wesley. Ou você mata ou morre. Te avisei pra não largar a escola. Eu não tenho nada a ver com os teus negócio, não. Vai procurar guarida em outro lugar. Mãe? Nessa hora tu tem mãe?

Thalita, leva esse menino pro quarto. Não bastasse tudo isso, o garoto não para. Teu celular tá carregado, Wesley? Preciso avisar seu Antônio. Claro que vou trabalhar! E se não trabalhar vou fazer o quê? Nessa vida, pobre só tem dois direito. Trabalhar e morrer. Como assim não tem celular? Perdeu? Eu já disse que não tenho nada a ver com isso. Você quis se meter nessa vida, agora se vira. Vai pra casa da tua namorada. Queria ficar o dia inteiro na praia, agora dá nisso. Na hora de desfilar na garupa da moto, ela gostou, não foi? Te falei que isso não ia dar certo. Se te pegam aqui com essa arma ... Pensa nos teus irmão. O que vai ser da gente?

Shiiiiiii! Escuta, escuta. O cara de lata já tá na entrada. Os home tão subindo. Ai, meu Deus! É hoje que perco o emprego. Cala a boca desse menino, Thalita! Tão vindo, tão vindo. Deita na cama e se cobre. Vou dizer que tá doente. Tu fica quieto. Deixa que eu falo com eles. Sou trabalhadora. Todo mundo me conhece. A arma... esconde a arma...

Tatatatatatatata.

ETERNIDADE

Chico Nonato

Cama de solteiro ainda. Lençol amarelado pelo tempo e um colchão que lhe gemia dores pela manhã quando se espreguiçava e olhava pela janela. Lá fora, bem longe dele e ainda frio, o sol vivendo.

Ele, deitado em estado de espera, mais de oito horas da manhã, mais um dia que pesava. A espera pelo telefonema de confirmação lhe trazia dor. Um amontoado de coisas que já não eram mais apenas coisas lhe causava dor.

Como uma vela de sete dias, ele brilhava quase eterno no escuro, buscando na cabeça um jeito de voltar a frequentar a conversa boa com o açougueiro enquanto a carne passava no moedor. Aquela espera gostosa na fila criava nele a imaginação do molho caindo sobre o macarrão quando o almoço estivesse pronto. Na língua, o sabor presente sem estar.

Derrubado sobre a cama, percorreu com seus olhos inchados de sono todo o pequeno quarto onde morava, até chegar ao que usava como cozinha. Um pequeno fogão de duas bocas com uma panela cheia de vento, uma fruteira e um isopor num canto perto da porta do banheiro, também vazios. Não havia nada.

Por um momento pensou mesmo que não houvesse nem mesmo ele. Mas havia. E qualquer sabor que antes se fazia presente sem estar se retirou dele completamente. Perante seus olhos, o molho, a carne, o açougue e toda a conversa de amigo com o açougueiro cujo nome nunca

Ergueu-se da cama, pedras e mais pedras de oito toneladas se colocaram de pé. O telefonema não veio, hora de continuar a procura. Bloco por bloco de pedra, ele foi se construindo perante o sol, tal qual um deus sem adoradores, um rei de nada. Uma pirâmide, que ainda que fosse maciça como sua persistência, pesava menos do que o rei morto que havia no interior de seu amontoado de pedras.

No banho de água pouca, sem sabão e sem xampu, ele pensava tanta coisa, tanta inteligência, tanto nada, tanto ainda. Seus objetivos, expectativas e ideais sobre o mundo e ele próprio se encontravam plenamente ociosos, e esses grandes vãos criados pelo longo tempo fora do cumprimento das expectativas alheias sobre o sucesso adquiriram um único potencial, o de lhe agredir.

A insistência era então seu trunfo rumo ao reencontro com o agrado de terceiros e com o prato de macarrão à bolonhesa. Completamente nu, em direção ao que acreditava ser o céu, ele caminhava. O banho curto e a roupa bem passada com cheiro de incenso lhe embutiam dignidade. Completando nove meses com o pé andando sobre o olho da rua, ele procurava sua ressurreição. Uma procura difícil. Nenhuma entrevista há meses.

Na parada de ônibus, com uma roupa alinhada, chapéu colocado com pressa e cheiro de banho mal tomado, ele pensava: os entrevistadores têm hálito venenoso.

A espera por aquele ônibus o fazia enxergar uma chance de achar ao menos o seu fantasma. Meia hora, quarenta minutos pensando no hálito venenoso dos entrevistadores. Ele se lembrava de São Jorge, matutava com a bituca de cigarro achada na rua que não tinha uma lança. Dois tragos e seus pulmões ajudavam seu corpo de novo a sentir algum prazer.

Ajeitou o chapéu, entranhado na paisagem com sua camisa listrada e seus cabelos brancos, olhava pra rua. O Ciclope lhe fitava de volta e lhe dizia coisas sobre a estreiteza da vida, sobre ameaças imprecisas o bastante para serem precisas, sobre deitar-se de vez.

A piçarra encrustava-se em sua goela. As roupas com cheiro de incenso não sustentariam seu personagem durante muito tempo se o ônibus não passasse logo. O mato queimando, o mês de agosto não conhecia a palavra piedade. Queria morar em outro lugar. O dinheiro do seguro desemprego acabaria logo. Logo hoje.

Seu ônibus chegara. Nove meses, o mesmo cobrador, o mesmo motorista. As mesmas pessoas indo em direção às suas vidas fora de suas casas, ele indo em direção a uma única pergunta. Vocês estão contratando? Nove meses em que a vida fora de seu quarto pequeno não se firmava. Nove meses de prisão dentro de um útero morto.

Noite passada antes de dormir, sonhou que era uma fotografia. A parada de concreto da cidade distante do Plano lhe servia de moldura, sentado com uma pasta escolar verde com currículos para distribuir por lugares aleatórios na cidade, ele estava congelado na foto, as pessoas que o olhassem em um álbum perdido jamais o interpretariam como alguém desesperado. Ali parado ninguém saberia nunca que ele, uma pirâmide maciça, levava consigo a saudade dos sabores bons e ruins que qualquer emprego lhe havia proporcionado. Era duro. Essa ausência nas tripas se fazia um sarcófago de ouro.

Quando o ônibus chegou à Canaã, viu lá longe o Congresso. Lugar de gente importante, ninguém lá é uma fotografia, ajeitou o chapéu.

Sem rumo certo, girou com os pés cansados todas as fatalidades. “Não, não estamos contratando. Deixe seu número e – quem sabe – quando

Envergonhou-se do vocabulário, dos erros de português apontados pelos dragões que se propuseram a ler seu currículo. Enquanto falavam, escorria de suas bocas enormes uma saliva viscosa.

Andou sem pressa, ninguém captava sua imagem. Horas incontáveis, nada no estômago. Subiu até a plataforma superior da rodoviária, tinha um trocado no bolso. Um enroladinho de salsicha desceu ao seu bucho, e por isso ele agradeceu a Deus. Viu o Conjunto Nacional, carros, muitos carros, ouviu sirenes e a flauta do artista, olhou fundo no rosto de inúmeras pessoas, que desavisadas afundavam em seus pântanos profundos.

Suspirou cansado para a torre de TV. Todo mundo sonha em ser importante o bastante para ter a morte anunciada nos jornais da televisão, murmurou imaginando o encerramento da edição do dia no qual morresse. Letras e mais letras subindo em silêncio, letras e mais letras que formavam nomes de pessoas importantes. Pessoas que teriam a morte noticiada, talvez.

O sol era agora um touro vivaz que o mastigava de longe. Passou a mão na pele enrugada por ele ainda no tempo da roça, e as pedras se desfizeram em meio ao vento, desmoronando com um ruído estranho a qualquer um que atravessasse seu caminho. O rei continuava morto, agora fora dos blocos de pedra. Tudo no retrato havia se desmantelado, e a eternidade era uma mentira. Então deitou vivo com os olhos abertos no concreto quente. O céu da cidade é bonito.

FEIJÃO

Chico Nonato

Chegou da rua ofegante, suando tal qual um pastel de palmito tirado há pouco do óleo. Havia, talvez, corrido por nada, mas tinha um plano. Ajoelhou-se no chão da sala com a mochila entre as pernas em frente à imagem de São Sebastião, que ficava em um vão da estante logo abaixo do retrato de casamento. Entre risos e lágrimas, chamou a mulher. Ela deixou na cozinha o feijão no fogo e o rádio ligado, gostava de cantarolar enquanto cozinhava.

Passava das onze da manhã, a mulher veio enxugando as mãos no pano de prato estampado de fruteira, sem entender muito a razão da euforia do marido, logo tudo seria posto na luz.

— Rápido, vem ver o que eu achei!

— Onde você achou isso? — Olhou para a mochila vermelha com ar de desconfiança, mas esperançosa pela metade de um momento. Pelo amor que sentia por ele, disse a si mesma em voz baixa que o marido estava convertido, não deveria se preocupar.

— Achei na rua, ora.

— Então abre logo pra gente ver o que tem dentro.

Deslizou rápido o zíper da mochila e, no mesmo instante, batidas na porta fizeram tremer todas as talas de madeira do barraco. A mulher conduziu o olhar até o marido, viu que ele preparou dentro dos olhos grandes uma armadilha que a conseguiu prender. Era agora devoto de São Se-

As batidas seguiam violentas, ao mesmo tempo em que entrou em cena uma voz branda, quase delicada, pedindo que a porta fosse aberta. Os lábios da mulher gelaram, suas mãos espelharam as talas do barraco e seu rosto empalideceu.

Era ele de novo. Marido e mulher projetaram na cabeça a imagem com a qual haviam se acostumado e se entreolharam, o mesmo já os visitara outras vezes usando seus trajes de figura apocalíptica. Um café como advertência, um almoço sem convite, indiretas quanto a certos comportamentos do homem da casa. Mas nunca os tinha visitado com aquele propósito fixo, que se sentia através das madeiras do barraco.

— Abre a porta, mulher — disse o marido.

— Não, dessa vez, não — sussurrou a mulher, que queimava os calafrios da febre do medo, as rugas da testa irrigadas de tanto suor.

— Abre o raio dessa porta, porra — falou, sem alterar a voz, olhando-a fixamente nos olhos, as órbitas vazias. A mulher cedeu.

A tranca da porta rangeu pelas mãos trêmulas e suadas da mulher e Ele, finalmente, entrou com o sol fazendo sua guarda, era o assassino portador da luz. Nos ombros ostentava toda pompa e arrogância de quem se orgulhava da atividade que exercia. Com o cigarro entre os dentes, sentou-se com calma na poltrona cheia de mofo e logo carregou o tambor do revólver.

— A mochila fica comigo, seu marido anda com hábitos muito inconvenientes, não posso deixar essas coisas passarem assim. Em um breve e solidário suspiro, pontuou ainda que não era aquele o comportamento que se esperava de um sujeito que comungava na missa aos domingos.

Em absoluto desespero escapou da armadilha dos olhos do marido, tomou a mochila de suas mãos e a entregou ao Vampiro sem dizer nada. O marido continuou ali, ajoelhado no meio da sala, olhando o santo sem o brilho de felicidade que a mochila havia lhe proporcionado. A esperança que demonstrava na foto de casamento também já não o habitava mais.

Sentado, o homem de voz branda engatilhou o revólver e o descarregou. Sebastião, de carne, sangue e osso, caiu perante seu homônimo de gesso, e suas flechas eram balas.

O homem se despediu da mulher dando-lhe um beijo na testa e saiu do barraco com a sensação de dever cumprido. A mulher chorava tímida com as mãos juntas e os dedos entrelaçados embaixo do queixo. O cheiro do feijão queimando não causara alarde a ninguém. No rádio, lá na cozinha, tocava uma música que a mulher nunca mais foi capaz de cantarolar.

“QUERIDA TIA...”

Celso Lopes

— Confesse, tia, foi ou não foi a senhora quem sacudiu a nossa família? Pra melhor, claro. Até então, família semianalfabeta, carregando uma cruz pesada de tantos sofrimentos: Tia Maria, Dito, Detinho, Tiani-nha, a Tonha, Devanir, Tereza do Gino... Quanta gente, tia, e quanta labuta e quantos meninos enfiados naquele quartinho de chão batido, lembra-se? É bem verdade que nós, os da cidade, nós lá de Juriti das Palmeiras, tínhamos uma condição melhor. Mas foi a senhora quem deu o arranque nisso tudo, tia; fez com que enxergássemos o caminhos estudos; sei que fez das tripas coração nessa vida. Sobrevivente ao parto em que perderia sua mãe, você seguiu em frente quebrando tabus. Uma guerreira que acompanhou o tio Raul em todos os seus dias futuros. Uma vida sem infância, a sua, tia, carregando o tio – quase cego, a bem dizer, cego – a perambular pelas ruas da cidade com o violão e sua cantoria afinada, esmolando em busca de alimentos. Sim, sei disso, tia. Mas, a senhora, tia, via nisso, o elixir que te sustentava, diante dos olhares arredios nas suas andanças pelos vilarejos paupérrimos. Ninguém resistia à emoção daquela voz melodiosa do tio Raul, não é mesmo, tia? Cantava com a alma, principalmente, aquela música do Teixeira. Lembra-se? Parecia, ele mesmo, ser o intérprete da sua própria história de vida, tia: *“O maior golpe do mundo/ que eu tive na minha vida/ foi quando aos nove anos / perdi minha mãe querida (...).”*

Ainda vejo você, tia, ao redor dele, recolhendo uma moeda aqui, outra ali. Sei o quanto isso foi lhe custando... pois já estava quase mocinha e ficava cada vez mais sem graça e humilhada, segurando um choro conti-

dia que você foi desvendando um outro mundo ao seu redor: o mundo da escrita, da imaginação, da fantasia. Hoje, tia, sei que você sabe falar ao coração das pessoas! Posso te ver naquele cantinho sagrado da varanda, em sua cadeira junto à mesa, onde sempre gostou de escrever; não faltaria, ali, a sua velha *Remington* de teclas pretas – *preciosíssima!* – como me dizia. Dela saíram romances, contos, crônicas, cartas... Sei o quanto você admirava o escritor *Cormac McCarthy*, ele com a *Olivetti* “*estupenda!*” – como ele dizia; e, como ele, você também seguia suscitando uma perplexidade diante da sua ferramenta. Ri muito do estudante que lhe perguntou, apontando a *Remington*:

— O que é isto?!

E você repetiu o que McCarthy disse:

— Isso é um raro talismã, chego a imaginá-lo como uma escultura do monte Rushmore, sendo feita, calmamente, com um canivete suíço.

E, sobre a mesa, tia, as incontáveis fotografias que você espalhava; e ali se punha a olhar e a olhar, até que uma epifania surgisse com força mágica e lhe trouxesse o sinal do diamante bruto por lapidar. Você, querida tia, dá vida aos personagens, humaniza-os – ainda que mortos, alguns deles sempre estarão vivos porque são atemporais e eternos. Posso ver ali o nosso vô Virgínio com os cabelos pretos e espetados, o rosto sulcado com fissuras parecendo frinchas numa parede nua; mas, firme, ali está ele, o tempo inteiro parecendo nos dizer que aquele chão deveria ser reverenciado como um espaço sagrado à vida. Também me lembro, tia, de um conto seu, cujos personagens são velhos conhecidos da nossa família, ninguém menos que *tio Zeca* e a *Vó Tinhana* – além daquele peste do menino *Serafim*:

“Eu, de violão em punho, acelerava as batidas, tremulando os acordes desconexos, cujo objetivo era atizar fogo naquele espaço chamado ‘lar’. O violão parecia dizer em alto e bom som:

— Ei, Dona Nancy, ei, minha Mãe, largue esse maldito livro e grite as suas mágoas para o seu marido, vamos!”

— Sabe, tia, vou te revelar um segredo! De todos os teus livros, há um deles que me toca em especial. É a história daquele menininho raquítico, que quase não articulava palavras, uma espécie de surdo-mudo, irrequieto, mas que tudo via e tudo queria saber, com a pura ânsia de viver e sobreviver. Ele é apaixonante, tia, porque apostamos nele, somos todos um pouco ele, e ele próprio é um pouco a nossa imagem e semelhança. É aquilo que almejamos: viver. E tudo está ali no pequenino Janelson. Não me esqueço desse trecho, tia:

“Rosa soluçava, tomada pelo ar lisérgico e extasiante daquelas flores colhidas, as marias-sem-vergonhas – que se sobrepunham ao cheiro do lixão; depois, depois sorria à solta, afinal, logo, logo pediria ao filho Janelson que repetisse o nome das cores – quando, na certa, ouviria alegremente:

— Amarelo, Janelson... fala, filho... A-ma-re-lo!?...

— ...LELO!...

— Agora, “Azul”, filho... fala, A-zul?

— ZÚU... ZÚU!...

— Isso, filho... E agora, Lilás, ahn? Fala pra mamãe, fala... Li-lás!...

— LÁS... LÁS!....

Aos poucos, Janelson surge dentro da gente e nunca mais nos deixa. Todos queremos que ele quebre as correntes em toda extensão – física, moral, intelectual. Hoje, querida tia, tomei a liberdade de escrever-lhe esta carta, mas, antes, lhe devo explicações. Uma delas é que também cresci, tia. Só que diferente de você, que trabalha com a alma humana, criando mundos impensáveis, revelando-nos as mazelas que nos arrastam, e se arremetendo em luta contra os seus moinhos de vento, eu, tia, trabalho observando organismos e o meio ambiente. Aprofundei pesquisas em microbiologia e engenharia de alimentos – e, logo, seguirei para o campo da biotecnologia, com especialização em vacinas.

Continuo convicto, tia, de que a arrancada da nossa família nasceu da sua impetuosidade. Nunca deixaremos de reconhecer isso. Hoje, sou alguém que assume lutar por uma das mais importantes decisões humanas – a alimentação. Neste ponto, lembro-me do Carlinhos. Sei que ele está... Mentira, tia, sei nada! Apenas acho que ele deve estar com nove ou seriam com dez anos? Seriam doze anos? Tanto tempo! Lembro-me de que você não gostava que ele comesse alimentos embalados, enlatados, que não comia direito, não se alimentava na hora certa, não é? Aliás, por ironia, todos reconheciam a sua competência no forno e fogão. Especialmente em doces de dar água na boca. E o Carlinhos nem aí com isso. Era sempre uma ginástica com a colherinha de prata pra engabelar o menino na hora de comer. Ele, sempre esperto e jogando tudo bem longe à mínima distração da sua parte. Depois, para sua tristeza, e alegria fulminante do Carlinhos, ele descobriu o *Chambinho* – *aquele da Chambourcy*, o do potinho vermelho, que ele devorava com toda a sua gulodice infantil. Recorda, tia?!...

Confesse que você morreu de ciúmes dessa embalagem que tanto apetecia o pequerrucho. Mas veja pelo lado bom. Além de saboroso, o *Chambinho* traz um importante complexo vitamínico e proteico

– *esse assunto me apaixonou* –. Além de nutritivo, é uma seleta fonte de energia. Olhe, acredite, tia, não estou neste ramo para brincadeiras; não investi quase vinte anos da minha vida a troco de nada. Na verdade, o Carlinhos é a prova dos nove do que estamos falando. Quando fizemos o “CHAMBINHO”, tia, eu mantive foco nos teus desafios, chutei o rancor, o piegas, e o chororô, e aprimorei os pontos positivos! (risos). No produto que criamos, além do sabor que é quase indiscutível, dito pelos mais sinceros especialistas, a exemplo do Carlinhos, destacamos o lado nutritivo, digno de uma certificação da ISO, pois juntamos vitaminas e as proteínas indispensáveis, à base de cereais. Quer mais? Nós também! Incluímos a riqueza e o sabor – isso mesmo, a *polpa pura* das frutas naturais –. Eis aí, o meu, quer dizer, o nosso desafio. De toda a equipe, tia. Era isso ou nada. Ou faríamos isso ou desistiríamos de procurar chifre em cabeça de porco... Acho que foi só pra isso que te escrevi esta carta, tia. Mentira. Sabe aquele prato imperdível que você fazia? Ainda faz? O *pudding de ouro*! Lembro-me das suas palavras:

— Ovos selecionados, pitadinha de sal pra quebrar o excesso de doce....

(Tia, um dia mando uma explicação científica sobre isso). Ah, claro, e as colherinhas comportadas do açúcar mascavo. Resultado: não há quem não coma e repita. Pois, demos esse toque ao Chambinho, produzido à sua imagem e semelhança, querida tia. Tanto é que pensei em falar com o marketing sobre uma campanha assim:

“A Chambourcy não inventou o aviãozinho. Só as escalas. CHAMBINHO é para crianças de São Paulo, Nova Iorque, Paris ou de Juriiti das Palmeiras... Uma fonte de energia para o seu filho dos dois aos doze anos!”

Essa é a essência, tia, fruto do carinho que lhe dedico nesta carta. O *Chambinho* não vai nunca concorrer com você, tia. Vai apenas oferecer o que toda criança, que é criança, precisa. Especialmente, aquele menininho raquítico, o Janelson... E sabe, tia, foram precisos anos de estudos para se chegar ao óbvio. O que você, desde há muito, e todas as mães, e as mães dessas mães, de todas as gerações, já sabiam na ponta da língua – criança precisa repor energias – aquelas que faltam ou aquelas que liberaram. Apenas isso! Às vezes, é o óbvio que a gente não vê, não é mesmo? Lembranças ao Carlinhos. Sabe, tia – sei que você tem olhos que escavam rochas profundas – pois, aqui, tia, bem dentro de mim, nesta casa solitária que me habita, dentro desse peito que carrego, mora alguém que só você, tia, seria capaz de lhe bater à porta, pacientemente, como faz nas teclas da sua *Remington*, e esperar pelas palavras necessárias. E, então, tia, diante desse alguém que se apresenta, pergunte por mim, faça isso com toda a sua competência de escritora – pergunte, tia, sobre o *Janelson*, aquele menininho raquítico, aquele do conto, a quem tanto torcemos pela sua superação, tia... e depois me responda, confirme se aquele menininho, o Janelson... sou eu, tia, sou eu?!...

BIBLIOTECA

Brunno Vianna de Andrade

Mil

Novacentos

E oitenta

E oito.

Foi assim que leu aquela placa. As letras estavam longe e um pouco embaçadas. Ele foi se aproximando. Ele foi. E percebeu o vento. E percebeu os livros.

Vento derrubou livros de uma estante. Caíram todos. Caem de trinta em trinta anos. Goteja em um dos livros e em outro. Deve ser a chuva. Goteja quando chove. O esboço de chuva se misturava às letras.

Foi pegando os livros que estavam caídos, mas uma pessoa não era o suficiente para tantos livros. Pediu ajuda para cada passante daquela biblioteca. Alguns não escutavam. Alguns fingiam que não escutavam. Continua pingando no passado, no presente, na biblioteca. Continua pingando no país e os livros parecem tão pesados. Há tantos deles jogados nas ruas. Continua pingando.

Algumas pessoas pararam, talvez por curiosidade. A curiosidade é o começo do caminho. Elas perceberam os livros ali no chão. Percebe

ram os pingos. Aos poucos, mais pessoas foram se juntando a ele. Perguntaram o nome dele. Se espantaram quando descobriram que ele carrega o nome do país, que ele é o país.

Pegou uma linha, pegou outra. Foi costurando cada livro em seu devido lugar, agora com o apoio de cada vez mais pessoas, pessoas de todos os tipos, cores, idades e crenças. Costuraram livro por livro, página por página, palavra por palavra. Estavam quase conseguindo. Restava um livro no chão. Pingava naquele livro, que o nome não se lia.

A chuva cessou. Nascia mato pelas arestas. Florescia na terra úmida. Vento. Sol. Levaram aquele livro ao sol. Gradualmente ele foi secando e desembaçando. As letras empoeiradas já estavam visíveis. E leram juntos: DEMOCRACIA.

POEMA AVULSO

Democracia com aldravia

O sonho (do) faminto

Covas e trincheiras

Sobrevivência ou morte?

Aviso prévio

Tempos incertos

Devaneios democráticos

Demo... O filho do demo não quer democracia

Grito de democracia

Ar, ar

ULO

Entregador

Sombra dos generais

Outra guerra

O mito

Nunca mais

Afinal, o que é democracia?

DEMOCRACIA COM ALDRAVIA

Nilson José de Castro Filho

leitura

de si próprio, passado, presente e futuros anseios, é mais que apenas soletrar aviso de placa sobre passeios.

escrita

consciente e legível de sentimento e informação, que evita rabiscos sobre papel sem fundamentação.

interpretação

eficaz dos versos, estrofes e códigos da sociedade, confere autonomia e senso crítico na era da pós-verdade.

formam

bons comunicadores, escritores e pensadores de academia, mas principalmente para a vida, no exercício da cidadania.

democracias

devem oferecer liberdade, igualdade material, participação política e, em especial, direito à boa educação, pois sem o básico da própria língua não há, de fato, ***cidadão***.

O SONHO (DO) FAMINTO

Keli Vasconcelos

“O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome.

A fome também é professora”

Carolina Maria de Jesus

Cavouco a terra

Pra ver se presta

A carne do frango

Que o patrão não comeu

Afofo com a pá

Pra remexer os tocos de madeira

Jogar no fogo e fazer carvão

Para o churrasco

Que ninguém me convidou

E pego as migalhas

O trocado

Olho as casas bonitas na TV
Dessa pátria “acolhedora”
E vejo meu barraco de barro
Parece que na tela tão me tirando o sarro
Dessa minha sina de sofredor

Da minha cama de palha
Há algo que valha
Nesse dia de desalento

O sonho é um consolo
Pode me tirar tudo
Menos o que tenho aqui dentro
Do meu pensamento

Mas agora o que tenho é fome
Não há outro nome
Para o que bate no meu estômago

Mostra a carne crua

Do osso até a unha!

Há um dia de haver

Um lugar pra plantar e colher

Colher

Cheia no prato e no chão

Há de haver pão

E não só hipocrisia

Ilusão é o que se mais vê em Brasília

Cansa tanta palavra bonita!

Aí me falam de democracia

De-mo-cra-cia

O que é democracia?

Pra mim, direitos e deveres pra todo mundo

Mas, por que vejo só vejo fome, desalento, vazio?

Mas, o que me resta é o sonho

O sonho (do) faminto

Para esse corpo imundo

E pode tirar tudo o que tenho

Pois prefiro morrer de sonho

A morrer de fome

E de tédio!

COVAS E TRINCHEIRAS

Bertin Di Carmelita

Vou quebrando as barreiras sociais
Com minhas barricadas de paz
Hasteando em cada canto uma bandeira
Vou seguindo em cantilena
Resistir é o meu lema
Cavando covas e trincheiras.

As trincheiras para resistir
Das ações dos covardes
Que muito fazem na surdina
Que acham que não tenho direitos
Em nenhum texto somos sujeitos
Ser pre(ju)dicado é nossa sina.

Cavo covas, para plantar as sementes da consciência
União, igualdade, resistência...

Por dias melhores pra cada um
Que a justiça seja um bem comum
Que seja verdadeira a democracia
De uma forma justa e igual
Se não houver “democracia social”
Será: simplesmente demagogia.

Meus olhos estão ardendo
Não só pelo o gás lacrimogêneo
E o spray de pimenta.
Mas de ver tanta injustiça
Causada por uma gestão postiça
Que meu povo já não aguenta!

SOBREVIVÊNCIA OU MORTE?

Ronaldo Dória Júnior

Ouvi do meu barraco o estrondo forte
De um blindado dessa polícia revoltante
A bala, num raio fúlgido, trouxe a morte
De um inocente com uniforme de estudante

Existe mesmo essa igualdade?
Eu me pergunto, vendo o corpo no caixão
Tantos corruptos em liberdade
E o nosso sangue se esvaindo pelo chão

Ó pátria amada
Desgovernada
Há quem nos salve?

Brasil, de falsos líderes, falsos mitos
De falta de justiça nosso país padece

Após desmandos de toda natureza

O povo não vê o quanto é grande e poderoso

E o nosso futuro é um mar de incertezas

Terra abandonada

De engodos mil

És tu, Brasil

Ó Pátria amada!

Lá no Planalto, só fraude, mentira, ardil

Triste piada

Brasil!

AVISO PRÉVIO

Natália Medeiros de Santana

Comunicamos que, a partir desse dia,
Precisamente hoje, quando finda nossa agonia
E a esperança floresce novos cenários,
Vossos desserviços não nos serão mais necessários
Ficando Vossa Excelência desde já ciente
Nos termos de algum artigo existente
Indefinido no que decreta nossa consciência
Em cumprimento da nossa exigência:
Pela ordem, estás (até que enfim) deposto
Informamos ainda que, neste interposto,
Vosso horário de trabalho será maior (que desgosto!)
Ao tentar nos convencer de vossa serventia
Todavia vossa oratória há muito é vazia
Melhor seria que toda essa energia
Fosse gasta para criar um currículo,
Oh bárbaro vermículo

Oh caríssimo deputado

(não que sejas por nós estimado,

mas é que nos é caro o vosso ordenado)

Atenciosamente

Brasília, ano eleitoral corrente

TEMPOS INCERTOS

Bertin Di Carmelita

Nesses tempos de incertezas

Vejo com mais clareza

Os tempos da escuridão.

Tempos de medo e repressão

Castrando-se sonhos

E os direitos adquiridos, com total legalidade.

Tempos que se ignora a legitimidade

e os gritos do povo

Não são ouvidos.

Quanto mais o tempo passa

Mais uma nuvem de fumaça

Irrita meus olhos, minha alma...

Minha cara.

Lembro-me do tempo do “PAU DE ARARA”

“CHOQUE ELÉTRICO”

Perda de consciência...

Tempo de oprimir, para se ter “obediência”.

E o tempo segue fechando

Em torno de um plano, central

Onde o tempo é REAI\$

Legisladores, legislando

Defendendo seu IDEAI\$.

O tempo todo, brasis a fora

A grande massa implora

Por saúde, educação e garantias

Dos direitos, que foram conquistados

Ao longo do tempo.

Escuto a voz da rua, a todo momento

Parece que chegou o tempo

Que ser honesto é uma vergonha.

Mas o que o brasileiro sonha
É com um tempo melhor a cada dia.
Que sejam respeitados os seus direitos
Já que os poderes perderam no tempo seus respeitos
Deem um tempo ao meu país
Devolvam a nossa democracia!

DEVANEIOS DEMOCRÁTICOS

David Ehrlich

Qual o maior desafio da democracia?

Seria a estabilidade?

Seria a representatividade?

Seriam os acordos antidemocráticos

Que os governos ditos democráticos

Acabam às vezes por fazer

Para poder dizer

Que são democráticos?

Governos democráticos precisam de maioria

Maioria que pode ser comprada

Alterada

Exagerada

Convencida na base da porrada

Tudo isso e muito mais pode ser visto

Em nosso Palácio da Alvorada.

Todas as democracias existentes
Exigem também opiniões divergentes
Para serem classificadas como tal.
Democracia é, portanto, conflito
Desde que pacífico
Entre diferentes ideias
De como ela deve ser exercida.

Mas e quando a diversidade democrática
Abre espaço para ideias pouco democráticas?
Se a quase totalidade das pessoas
Apoia um governo totalitário
Ele se torna democrático?
Será que para a democracia ser mais forte
Ela precisa se tornar mais fraca?

Talvez a democracia deva ser repensada
Redefinida
Repaginada
Uma nova teoria democrática

Que de fato cobre que ela cumpra sua missão
Um novo compromisso da sociedade
Com seu próprio papel social.

Ou talvez não seja necessário nada disso
Talvez a roda não precise ser reinventada
Apenas precisamos lembrar como usá-la
E regular para que ela exerça sua função.

Democracia, por conceito,
Exige acreditar na bondade humana
Em um futuro mais humano
Um futuro melhor para todos.

É um ideal, sim
Mas entre o ideal e o sonho
Há um sono de diferença.

Não importa se o governo é oficialmente democrático
Autocrático
Aristocrático
Meritocrático
Colocar seu país acima de todos

Sua religião acima de tudo
Ou sua raça como a mais pura
É nada mais que loucura
Mesmo que coletiva
É niilismo diabólico
E quem vê como exercício democrático
Permitir tais ideias numa democracia
Ou é raso das ideias
Ou é raso da honestidade.
Precisamos educar
Precisamos nos educar
Precisamos nos deixar ser educados
Democraticamente
Sobre a democracia
Pois quando começamos a apoiar
Democraticamente
Quem se diz contra a democracia
É questão de tempo até o dia
Em que não poderemos apoiar
Democraticamente
Mais nada.

DEMO... O FILHO DO DEMO NÃO QUER DEMOCRACIA

Reinaldo Fernandes

Demo...

O filho do demo

Não quer

Demo

cracia

Quer, todo dia

agir à revelia

Decretar

Mentir

Enganar

fakenewsear

O Demo só quer mandar

A cadela de Brecht no cio

O sorriso da criança

O epílogo

O prefácio

O fim

O princípio

A obscuridade

A ciência

A perdição

O norte

O branco

O preto

A violência

A morte

A vida

O Ato Institucional nº 5,

O §1º do art. 1º da Constituição

O presente

O futuro.

GRITO DE DEMOCRACIA

Robinson Silva

Um dia a pátria amada

Deixou de ser gentil

Imperando o medo

Tiros de fuzil

Um fantasma adormecido

Acordou com muita fúria

Abrindo os porões

Os cálices da loucura

Tempos de intolerância

De temor e tortura

Tempos de desespero

Da cruel ditadura

Um povo esquecido

Todo o sangue derramado

Nos anos de canhão

Todo o sofrimento

Nos dias de não

Sempre lembrar

Um presente passado

Para que nunca volte

Esse período macabro

As lágrimas que caíram

A luta e dor

Mordaças da censura

O mais puro horror

As vítimas da morte

Cicatrizes feridas

Mortos sem túmulos

Não devem ser esquecidas

O silêncio ainda reina

AR, AR

Marcio Mazzini

O tempo cinza-chumbo não recomendava, era o estio
no abril mais cruel.
mas o Pai insistiu em plantar
livros no quintal
ainda que o oliva-verde dos capacetes
espreitassem
– além dos muros –
o Pai persistiu.
ainda procuro – hoje –
em pretéritos quintais
as colheitas do meu Pai.

ULO

Eugênio Borges

Sou do tamanho de todo o mundo,

Apesar de ver esvaziadas de conteúdo minhas manhãs frescas
de liberdade

De sentir meus horizontes cerceados pela injustiça do desem-
prego,

De me corroerem as carnes e os meus olhos cegarem perante
tamanha ignomínia social,

De me doerem as entranhas na fome do pão retirado da minha
mesa.

Sou do tamanho de todo o mundo que acha que o não sou,

Tenho minhas certezas expostas na rua das verdades escondi-
das,

Modificadas, transmutadas em leis pela plutocracia vigente,

Minhas dimensões são iguais à vida que nos abarca,

Minha vida é tão importante como a do opressor,

Respiro o mesmo céu que abriga a opulência corrupta,

Que destrói as aspirações esquecidas.

Somos um povo que acorda com o dia posto,

Um povo que grita um não uníssono contra os apagadores de
sonhos,

Somos o grito da verdade calada, escondida,

pintada de cores diáfanas nos jocosos programas de TV,

Somos um povo sem chão,

ENTREGADOR

Hibisco Vermelho

O entregador de aplicativo
Trouxe o pedido na hora exata.
Usava uma camisa com o cara da desgraça,
Em cima do rosto escrito mito!
Contemplei sua face cansada, olhos aflitos.
Tive vontade de soltar um grito!
Deixe disso!
Acorda!
Seus olhos exaustos denunciam
Que ele acorda mais cedo que o dia.
Não gritei,
Apenas o fitei com amor,
Agradei a entrega,
Entrei enlutada, com gosto de pranto e dor,
Pensando no jovem ostentando no peito seu algoz.
Odiei o mito,

Mas também o olhar de amor.

Tenho por vocação a esperança,

Acreditar no jovem eleitor,

Que nos livrará desta camisa de força e hipocrisia.

E usará apenas uma camisa branca onde se lê:

Democracia!

SOMBRA DOS GENERAIS

Robinson Silva

Nasci naquela terra

Sobre a sombra dos generais

Onde a liberdade grita

Angustiantes

Horríveis ais

Palavras são reprimidas

Escondidas.

Esquecidas

Valem a morte

Valem vidas

Um povo cala

No jugo da censura

Temendo os porões

Porões da ditadura

Tanques invadem as ruas
Impõem a submissão
De obedecer à pátria armada
Aos ecos do canhão
Muitos desaparecem
Pois desobedecem
Aos donos do poder

Serão torturados
Serão fuzilados

Irão desaparecer
Nunca mais verão
O sol nascer

Nasci em uma era
Que destrói os filhos seus
Muitos partiram
Outros disseram adeus

OUTRA GUERRA

Ivete Nenflidio

Na guerra biológica,
cibernética e tecnológica
de bombas, mísseis,
granadas, tanques e armas,
independentemente do tipo,
híbrida ou não,
ficam os destroços,
escombros,
ruínas de bissecções de prédios,
comércios,
hospitais e escolas.

Mortal imagem,
mortal alienação,
praga imemorial,
fragmentos
do que um dia foi pátria.

Uma luz refletida
e um homem doente,
ferido
e faminto, que vagueia
como sombra,
na fumaça
que o encobre parcialmente.

À frente a chama da guerra
que insiste em permanecer
pulsante,
clareando
e esquentando
a noite escura
e fria
para aqueles que continuam
vivendo no país destruído pelo golpe.

O MITO

Ronaldo Dória Júnior

O erro da ditadura foi torturar e não matar

Seria incapaz de amar um filho homossexual

Ônibus não é coisa de parlamentar

Coronel Ustra é herói nacional

Pinochet devia ter matado mais gente, eu sei

Prefiro um filho morto a vê-lo com um bigodudo por aí

Mulher deve ganhar menos porque engravida, tá ok?

Tem que mudar isso daí

Filha é fruto de fraquejada

Fazer cocô dia sim, dia não

Ajuda na questão da poluição

Esse poeminha não vale de nada

De autor esquerdista, mente restrita

NUNCA MAIS

Robinson Silva

MEUS HERÓIS ESTÃO MORTOS
PELOS CANHÕES DA PREPOTÊNCIA
FORAM DIZIMADOS
PELA VIL VIOLÊNCIA

MEUS LÍDERES DE BARRO
TORNARAM-SE VASSALOS
LACAIOS DO PODER

MEUS ÍDOLOS PRESOS
POR GRILHÕES DA TIRANIA
MORRERAM TORTURADOS
NÃO VIRAM O RAIAR DO DIA

MINHAS IDEIAS AMORDAÇADAS
SILENCIADAS PELA CENSURA
DESPREZADAS, AMEAÇADAS
NOS PORÕES DA DITADURA

MEUS POETAS BANIDOS
PARA O DISTANTE ESTRANGEIRO
EXPULSOS DESTE SOLO
DESTE SOLO BRASILEIRO

SEUS VERSOS
GRITARAM MIL GRITOS
COMBATERAM PERVERSOS
ENFRENTARAM TANQUES
TIROS DO EXÉRCITO

CONSTRUÍRAM ESTRADAS
MOSTRARAM CAMINHOS
SEMEARAM FLORES
ONDE EXISTEM ESPINHOS

UMA PÁTRIA ARMADA
QUE DEVORA OS FILHOS TEUS
UM MINUTO DE SILÊNCIO
PARA OS QUE DISSERAM ADEUS

AFINAL, O QUE É DEMOCRACIA?

Soraya Feitosa

Na infância, muitas vezes ouvi falarem sobre democracia

Mas o significado dessa palavra eu desconhecia.

Era coisa de gente grande, gente que trabalhava e lia.

Eu lia bastante, mas eram livros de historinhas:

Turma da Mônica, Sítio do Picapau, Luluzinha ...

A democracia não era assunto de criança.

E nenhum sentido para mim fazia.

Com o passar do tempo, a palavra foi ganhando significado.

Relacionei com voto, poder de decisão, o povo exercendo a soberania.

É interessante lembrar que não foi sempre assim.

No início, nem votar mulher podia.

Foram muitas greves, manifestações, jejuns, violências, prisões.

Foi muita covardia!

Hoje, o voto é um direito, um bem de grande valia.

Através do voto elegemos nossos representantes.

As pessoas que deverão lutar pelos interesses da nação.

Meritocracia é só um jeito diferente de dizer que pobre não tem méritos.

“pois, se tivesse, pobre não seria”.

Então, a democracia que antes não era assunto de criança, agora faz parte
do meu dia a dia.

Agora sou gente grande, avia!

Troquei as historinhas pelos livros, artigos e jornais.

Agora eu leio e trabalho.

E voto também, é claro!

Mas, só voto porque outras pelo meu direito de voto lutaram.

Eram feministas, guerreiras sufragistas.

Foram as vozes que falaram por mim quando eu ainda nem existia.

Foi Emily, Annie, Alzira, Emmeline, Maria ...

Minha consciência política foi formada ao longo da história

e ela não me permite desperdiçar o direito ao voto.

Nem tampouco minha manifestação de cidadania.

Em todo o tempo é necessário falar sobre democracia.

Mas, em ano de eleição, essa necessidade se amplia.

É muita promessa falsa, fake news, corrupção ...

É muita ação que se repudia.

Na eleição, muitos de nossos direitos estão em jogo:

Educação, segurança, saúde, emprego, moradia ...

Então, no fim das contas, como é valiosa ...

essa tal democracia!

MICROCONTO

Do chifre ao rabo

Olho por olho

Golpe(ado)

Sem título

Mãe, vou pra rua

Coisa do capeta

Medalhas

Canibalismo estrutural

Sinfonia

Emoção

Voos

Um poema de dor

Votem em mim

Democracia

Extremismo

DO CHIFRE AO RABO

Schleiden Nunes-Pimenta

Vovô, muito religioso, deu de indagar-me o que a “demo”cracia tem com o diabo. E eu, que não sei do latim, no bom português é que fui explicar:

— A ver, do chifre ao rabo. Do poder nós o tiramos, e, então, não o deixamos mais voltar.

OLHO POR OLHO

Cecilia Botana

O menino brincava de jogar o aviãozinho do alto da mesa para que se estatelasse no chão, num claro repúdio à morte do seu pai, jogado no mar, durante a ditadura.

GOLPE(ADO)

Carlos Brunno Silva Barbosa

Leu que democracia significava “governo em que o povo exerce a soberania”, correu pro cartório, rebatizou-se povo e exigiu o poder. Só não contou que a gente instruída, após pedir vistas no léxico mal lido, democraticamente, votasse na inexigibilidade do povo golpista.

SEM TÍTULO

Mario Rubens Almeida de Mello (Maruam)

Tremi ao ver e ouvir a multidão ovacionando meu nome! Ao receber a faixa presidencial, um juízo, em flash, veio à mente: prometi mundos e fundos para este sofrido povo e fui eleito! E, agora, o que faço? Olhos mareados, arfando, tomei o microfone e, corajosamente, não hesitei.

MÃE, VOU PRA RUA

Robert Portoquá

— Mãe, vou pra rua encontrar uns amigos.

— Pra rua?

— Ué? E suas tarefas da faculdade, entrevista de estágio, os projetos do blog.

— É importante, mãe. Tô indo!

— O que tem na rua de tão importante assim?

— Estamos lutando pela democracia, mãe.

— Tá bom, mas leva um livre arbítrio.

COISA DO CAPETA

Giovani Roehrs Gelati

— Demo-cracia é coisa do demo. Tá no nome! Vamos nos livrar desse mal!

Com esse argumento, decretou o fechamento do Congresso e do STF.

Antes que os apoiadores comemorassem, foram presos junto com a oposição.

Agora já não dava mais para se expressar.

MEDALHAS

Mayanna Velame

Sacou um livro e atirou palavras contra um peito cheio de medalhas.

CANIBALISMO ESTRUTURAL

Raquel Oliveira de Castro

Na periferia do capitalismo, o FMI convida as potências para o banquete. O Brasil traz a cabeça; a Venezuela, os pés; a Colômbia, os braços; a Argentina, os rins, o Uruguai, o fígado... O neoliberalismo garante os corações.

SINFONIA

Marcos Antonio Campos

Democracia são os olhos de água encorpando os grandes rios que vão serpenteando por suas bacias as vozes dos homens da terra. Acorda operário, executa tua sinfonia! Levanta tua Bandeira e vê a luz que ilumina a tua caverna!

EMOÇÃO

Diogo Tadeu Silveira

Vestiu-se de verde-amarelo, levantou cartaz por intervenção militar já, pediu ato institucional urgente, marchou pelo fechamento do Congresso, berrou contra a imprensa livre, levou na cara um jato de gás lacrimogêneo e chorou ao sentir que seu sonho estava sendo realizado.

VOOS

Cecilia Botana

Em frente à Casa Rosada, as Mães da Praça de Maio soltaram pombas brancas. Uma por cada filho jogado ao mar.

UM POEMA DE DOR

Marcos Antonio Campos

A democracia nasce de um poema de dor, onde o parto dá à luz ou a voz ao próximo anônimo até que ele levante os seus primeiros cartazes de luta, na trincheira onde surge o grito que modificará a sociedade.

VOTEM EM MIM

Francisco Gabriel

— Candidato, só por pirraça, eu vou votar no pior postulante!

— Não tem problema, vivemos numa democracia. Eu também vou fazer isso!

DEMOCRACIA

Reinaldo Fernandes

Acordou. Lembrou que era dia de feira. Verificou o que faltava. Faltavam diálogo, paciência, partilha, amor ao próximo. Café, comida e alegria não tinham. Faltava democracia.

— Quero democracia. Quanto custa?

— Luta, suor e sangue... Sim, meu caro! Democracia me é cara.

EXTREMISMO

Juliana Berlim

Democrata? Sempre. Sou um perfeito democrata. Com quem merece. Uns e outros devem sumir. Com o montante certo, eles desaparecem para nunca mais. Porque a real democracia exige atitudes extremas. Pelo engrandecimento das famílias de bem.